

Linguagem

É a capacidade de estabelecer a comunicação por meio de códigos verbais ou não verbais.

Língua

É o sistema de signos convencionais usado pelos membros de uma mesma comunidade.

Signo linguístico

É um elemento representativo que possui dois aspectos, um **significante** e um **significado**, unidos num todo indissolúvel. Ao ouvir a palavra **árvore**, reconhecemos os sons que a formam. Esses sons evocam um conceito. O signo **árvore**, portanto, relaciona-se com dois dados da memória: uma imagem acústica, correspondente à lembrança de uma sequência de sons – o **significante** – e um conceito, um dado do conhecimento humano sobre o mundo – o **significado**.

Fala

É o modo particular de empregar uma determinada língua. Por mais original e criativa que seja, a fala deve estar contida no conjunto mais amplo que é a língua, a qual constitui um sistema de regras e possibilidades de realização. Nenhum falante pode ser tão original a ponto de se afastar das características do grupo social do qual faz parte.

Língua – unidade e variedade

O conceito de língua é bastante amplo, englobando todas as manifestações da fala, com as suas incontáveis possibilidades. Dentro desse extenso universo, há também variações que não são decorrentes do uso individual da língua, mas, sim, de outros fatores. Esses fatores podem ser:

Geográficos: Há variações entre as formas que a Língua Portuguesa assume nas diferentes regiões em que é falada, como, por exemplo, o modo de falar de um carioca e o de um gaúcho.

Sociais: O português empregado por pessoas que têm acesso à escola e aos meios de instrução é diferente daquele empregado por pessoas privadas de escolaridade. Algumas classes sociais dominam uma forma de língua que goza de prestígio, enquanto outras são vítimas de preconceitos por empregarem formas sem prestígio.

Profissionais: O exercício de certas atividades requer o domínio de certas formas de linguagem chamadas linguagens técnicas. Abundantes em termos específicos, essas variantes têm seu uso praticamente restrito ao intercâmbio técnico de engenheiros, médicos, químicos, linguistas e outros especialistas.

Situacionais: Em diferentes situações comunicativas, um mesmo indivíduo emprega diferentes formas de língua. Basta pensar nas atitudes que assumimos em situações formais (um discurso em uma solenidade de formatura, por exemplo) e em situações informais (uma conversa descontraída com amigos): em cada uma dessas oportunidades, empregamos formas de língua diferentes, procurando adequar nosso nível vocabular e sintático ao ambiente linguístico em que nos encontramos.

Obs.: quando o uso da língua abandona as necessidades estritamente práticas do cotidiano comunicativo e passa a incorporar preocupações estéticas, surge a língua literária.

Língua falada e língua escrita

A língua falada mantém uma profunda vinculação com as situações em que é usada. A comunicação oral normalmente se desenvolve em situações de contato entre os interlocutores. Dessa forma, quando conversam sobre determinado assunto, elaboram mensagens marcadas por fatos da língua falada. O vocabulário utilizado é fortemente alusivo: o uso de pronomes com **eu, você, isto, isso, aquilo** ou advérbios como **aqui, cá, já, agora, lá** possibilita indicar os seres e fatos envolvidos na mensagem se nomeá-los explicitamente. Na língua escrita, a elaboração da mensagem requer uma linguagem menos alusiva. O uso de pronomes e certos advérbios, eficientes e suficientes na língua falada, obedece a outros critérios, pois essas palavras passam principalmente a relacionar partes do texto entre si e não mais designar dados da realidade exterior. Em seu lugar, vemo-nos obrigados a utilizar formas de referência mais precisas, como substantivos e adjetivos, capazes de nomear e caracterizar os seres. A língua escrita, assim, demanda esforço maior de precisão. Ao redigirmos uma redação, devemos deixar de lado certos recursos da língua falada, a fim de dar ao nosso texto a formalidade necessária.

Níveis de linguagem

Admitem os linguistas que no interior da língua falada existe a *língua comum*, conjunto de palavras, expressões mais usuais, língua tida geralmente como simples, mas correta. A partir desse nível tem-se, em ordem crescente do ponto de vista da elaboração, a *linguagem cuidada* (ou *tensa*) e a *linguagem oratória*. E no sentido contrário, da informalidade, tem-se a *linguagem familiar* e a *linguagem informal* ou *popular*. A distinção *linguagem popular / linguagem cuidada*, por exemplo, apoia-se num critério sociocultural, ao passo que a distinção *linguagem informal / linguagem oratória* se apoia sobretudo em uma diferença de situação (um indivíduo não empregará a mesma linguagem ao fazer um discurso e ao conversar com os amigos num bar). Na expressão oral, as incorreções gramaticais são geralmente provocadas pelas restrições materiais: um narrador esportivo não pode manter a linguagem cuidada, ao transmitir uma partida de futebol. De modo geral, a *linguagem cuidada* emprega um vocabulário mais preciso, mais raro, e uma sintaxe mais elaborada que a *linguagem comum*. A *linguagem oratória* cultiva os efeitos sintáticos, rítmicos e sonoros, e utiliza imagens. As linguagens familiar e popular recorrem às expressões pitorescas, à gíria, e muitas de suas construções são tidas como “incorreções graves” nos níveis de maior formalidade. Os vocabulários próprios de determinadas regiões, determinadas profissões, ciências ou técnicas levam ainda à definição de outros níveis, segundo critérios diferentes. Uma redação de concurso exige a utilização de uma linguagem cuidada.

A norma culta – A Gramática

Paralelamente aos variados níveis de fala, existe a língua padrão, de âmbito nacional, utilizada por todos os que buscam instrução e que, pelo aprimoramento cultural, necessitam expressar-se com mais clareza e precisão, de modo mais variado e fluente. Trata-se da linguagem divulgada pelas escolas e cobrada nos concursos públicos em geral. Tal linguagem geralmente é denominada culta. Utiliza um número mais amplo de palavras do dicionário e encontra-se, em grande parte, codificada nas regras da chamada **gramática normativa**. Em síntese, cada um dos níveis da fala tem a sua norma, a sua gramática, mas a **norma culta** constitui um ponto de convergência ou referencial de todos aqueles usos da língua.

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

01 (PUC-RJ) O datilógrafo, ao copiar o comunicado abaixo, cometeu alguns erros.

Escreva somente as modificações necessárias para que o texto se enquadre nos padrões que regem a norma culta.

Recebi amável solicitação para comparecer ao Instituto Brasileiro de Escritores. Infelizmente, não pude declinar o convite na ocasião, nem explicar o motivo desse declino, mas faço-o agora.

Compromissos plurais não deixaram-me assistir à conferência na qual o Instituto Brasileiro de Escritores teve a gentileza de me convidar de modo tão singular.

Um dos motivo é que, no dia previsto, eu devia de assistir a uma sessão de cinema.

Por outro lado, embora uma conferência a cerca da Semana de Arte Moderna seja sempre de meu interesse, houve uma reunião do grupo de trabalho do qual sou coordenador.

Solução:

do (convite); declínio; (não) me (deixaram); para a qual; motivos; devia assistir; acerca; seja.

02 (PUC-RJ) Reescreva a frase abaixo, adaptando-a de modo que fique em conformidade com a norma culta escrita.

Deu no rádio que o pessoal da prefeitura vai ter que se virar para dar um jeito na mancada da obra da Lapa.

Solução:

A rádio noticiou que o prefeito terá que se esforçar para corrigir o erro na obra da Lapa.

03 (PUC-RJ) O texto de Maria Mariana “A velha dúvida: o que vou ser quando crescer?”, publicado na revista *Zine* do Jornal do Brasil de 27/09/92, é todo construído com um misto de discurso jornalístico e

poético, alternando estruturas semiformais e coloquiais. Dele, foi retirado o trecho abaixo.

“Não dá mais para ter medo. Vivemos no caos, não tem regra nenhuma. (...) Tá no nossa mão, que bom!”

Reescreva-o, fazendo apenas as alterações necessárias para adaptá-lo às regras de utilização da norma culta escrita.

Solução:

Não podemos mais ter medo. Vivemos diante da desordem, não há regras. Está em nossas mãos (a possibilidade da mudança). E isso é bom!

04 (PUC-RJ) Transforme os enunciados abaixo de modo a adequá-los à norma culta.

- a. Cara, pintou um lance legal.
- b. – Tá a fim de encarar essa parada?
- c. – É ruim, hein!

Solução:

- a. Senhor, surgiu uma boa oportunidade.
- b. – Está interessado em enfrentá-la?
- c. – É impossível!

05 (PUC-RJ) O enunciado abaixo poderia facilmente ser dito numa conversa informal entre dois amigos. Não caberia, porém, num diálogo entre duas pessoas que mantivessem uma relação menos íntima.

“Cara, cadê aquele troço que o fulano te deu?”

Reescreva-o, fazendo todas as alterações necessárias para torná-lo adequado à segunda situação acima descrita.

Solução:

– Senhor(a), onde está aquele objeto que o homem lhe deu.

EXERCÍCIOS NÍVEL 1

01 (UERJ)



(Ziraldo. *Jornal do Brasil*, 11/11/1999.)

Na tira de Ziraldo, os personagens mudam de atitude do primeiro quadrinho para o segundo. Pelo terceiro quadrinho, pode-se deduzir o que não está escrito: um pensamento teria provocado a mudança.

Esse pensamento poderá ser traduzido como: “E se os caras dentro do espelho...”

- (A) ... estivessem rindo deles?”
- (B) ... fossem reais e eles o reflexo?”
- (C) ... pudessem trocar de lugar com eles?”
- (D) ... duvidassem da realidade do mundo?”

02 (UERJ)



(Marc Chagall. *O violoncelista*. In: GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.)

Os significados das imagens estão relacionados com o tratamento dado aos elementos que as compõem.

Na pintura de Chagall, o tratamento conferido aos elementos situados em primeiro plano – homem e animal – gera, pela comparação, o seguinte sentido:

- (A) a música é realidade para os homens, mas não para os animais.
- (B) os homens, tanto quanto os animais, podem ser feitos de música.
- (C) os músicos, ao contrário dos animais, podem se transformar em música.
- (D) a música pode ser a essência dos músicos, sejam eles humanos ou não.

Com base na foto abaixo, responda às questões de números 03 e 04.



O fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado fez esta foto num campo de refugiados instalados em equipamentos ferroviários na fronteira da Croácia com a Sérvia e a Bósnia, em 1994. Assim como textos, fotografias podem ser lidas: o menino que aparece no primeiro plano funciona como o tema da foto, enquanto o trem no segundo plano comenta este tema.

(SALGADO, Sebastião. *Êxodos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.)

03 (UERJ) A escolha da figura humana no primeiro plano busca provocar no espectador a seguinte atitude:

- (A) questionar a opção pelo tema.
- (B) admirar a composição com o fundo.
- (C) surpreender-se com o gesto do menino.
- (D) refletir sobre o desamparo da criança.

04 (UERJ) O fotógrafo, ao enquadrar o trem parado ao fundo, onde os refugiados se encontravam instalados, ressalta o contraste entre:

- (A) o metal e a terra.
- (B) o real e o imaginário.
- (C) o progresso e a guerra.
- (D) a infância e o mundo adulto.

05 (UERJ)

A crise



“– Perdão, cavalheiro, este osso é meu: fui eu quem o viu primeiro.”

(RAUL. *Revista Fon-Fon*, 06/06/1914.)

Na charge de Raul, composta por título, desenho e legenda, há vários contrastes.

O contraste que melhor reforça o título da charge é:

- (A) um senhor de fraque e chapéu olha um mendigo.
- (B) um homem e um cão disputam o mesmo alimento.
- (C) um mendigo com fome faz uma frase polida e formal.
- (D) o cão faminto olha para o mendigo e não para o osso.

06 (ENEM)

eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brincá na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um toambo ou outro... eu era a:... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos meus treze aos dezessete anos...

(A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana. UFG, 2010 (inédito).)

Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:

- (A) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas.
- (B) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português.
- (C) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical.
- (D) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados.
- (E) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

07 (ENEM)

O senhor

Carta a uma jovem que, estando em uma roda em que dava aos presentes o tratamento de você, se dirigiu ao autor chamando-o “o senhor”:
Senhora:

Aquele a quem chamastes senhor aqui está, de peito magoado e cara triste, para vos dizer que senhor ele não é, de nada, nem de ninguém.

Bem o sabeis, por certo, que a única nobreza do plebeu está em não querer esconder sua condição, e esta nobreza tenho eu. Assim, se entre tantos senhores ricos e nobres a quem chamáveis você escolhestes a mim para tratar de senhor, é bem de ver que só poderíeis ter encontrado essa senhoria nas rugas de minha testa e na prata de meus cabelos. Senhor de muitos anos, eis aí; o território onde eu mando é no país do tempo que foi. Essa palavra “senhor”, no meio de uma frase, ergueu entre nós um muro frio e triste.

Vi o muro e calei: não é de muito, eu juro, que me acontece essa tristeza; mas também não era a vez primeira.

(BRAGA, R. *A borboleta amarela*. Rio de Janeiro: Record, 1991.)

A escolha do tratamento que se queira atribuir a alguém geralmente considera as situações específicas de uso social. A violação desse princípio causou um mal-estar no autor da carta. O trecho que descreve essa violação é:

- (A) “Essa palavra, ‘senhor’, no meio de uma frase ergueu entre nós um muro frio e triste.”
- (B) “A única nobreza do plebeu está em não querer esconder a sua condição.”
- (C) “Só poderíeis ter encontrado essa senhoria nas rugas de minha testa.”
- (D) “O território onde eu mando é no país do tempo que foi.”
- (E) “Não é de muito, eu juro, que acontece essa tristeza; mas também não era a vez primeira.”

08 (ENEM)

O léxico e a cultura

Potencialmente, todas as línguas de todos os tempos podem candidatar-se a expressar qualquer conteúdo. A pesquisa linguística do século XX demonstrou que não há diferença qualitativa entre os idiomas do mundo — ou seja, não há idiomas gramaticalmente mais primitivos ou mais desenvolvidos. Entretanto, para que possa ser efetivamente utilizada, essa igualdade potencial precisa realizar-se na prática histórica do idioma, o que nem sempre acontece. Teoricamente, uma língua com pouca tradição escrita (como as línguas indígenas brasileiras) ou uma língua já extinta (como o latim ou o grego clássicos) podem ser empregadas para falar sobre qualquer assunto, como, digamos, física quântica ou biologia molecular. Na prática, contudo, não é possível, de uma hora para outra, expressar tais conteúdos em camairá ou latim, simplesmente porque não haveria vocabulário próprio para esses conteúdos. É perfeitamente possível desenvolver esse vocabulário específico, seja por meio de empréstimos de outras línguas, seja por meio da criação de novos termos na língua em questão, mas tarefa não se realizaria em pouco tempo nem com pouco esforço.

(BEARZOTI FILHO, P. *Miniaurélio*: o dicionário da língua portuguesa. Manual do professor. Curitiba: Positivo, 2004 (fragmento).

Estudos contemporâneos mostram que cada língua possui sua própria complexidade e dinâmica de funcionamento. O texto ressalta essa dinâmica, na medida em que enfatiza:

- (A) a inexistência de conteúdo comum a todas as línguas, pois o léxico contempla visão de mundo particular específica de uma cultura.
- (B) a existência de línguas limitadas por não permitirem ao falante nativo se comunicar perfeitamente a respeito de qualquer conteúdo.
- (C) a tendência a serem mais restritos o vocabulário e a gramática de línguas indígenas, se comparados com outras línguas de origem europeia.
- (D) a existência de diferenças vocabulares entre os idiomas, especificidades relacionadas à própria cultura dos falantes de uma comunidade.
- (E) a atribuição de maior importância sociocultural às línguas contemporâneas, pois permitem que sejam abordadas quaisquer temáticas, sem dificuldades.

09 (ENEM)



(Disponível em: www.portaldapropaganda.com.br. Acesso em: 1 mar. 2012.)

A publicidade, de uma forma geral, alia elementos verbais e imagéticos na constituição de seus textos. Nessa peça publicitária, cujo tema é a sustentabilidade, o autor procura convencer o leitor a:

- (A) assumir uma atitude reflexiva diante dos fenômenos naturais.
- (B) evitar o consumo excessivo de produtos reutilizáveis.
- (C) aderir à onda sustentável, evitando o consumo excessivo.
- (D) abraçar a campanha, desenvolvendo projetos sustentáveis.
- (E) consumir produtos de modo responsável e ecológico.

10 (ENEM)



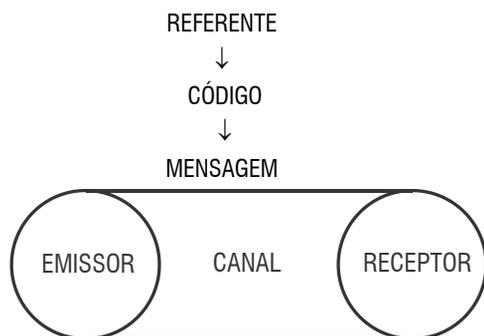
(Adaptado de <http://www.cbsp.com.br>. Acesso em: 27 jul. 2010.)

O texto é uma propaganda de um adoçante que tem o seguinte mote: “Mude sua embalagem.” A estratégia que o autor utiliza para o convencimento do leitor baseia-se no emprego de recursos expressivos, verbais e não verbais, com vistas a:

- (A) ridicularizar a forma física do possível cliente do produto anunciado, aconselhando-o a uma busca de mudanças estéticas.
- (B) enfatiza a tendência da sociedade contemporânea de buscar hábitos alimentares saudáveis, reforçando tal postura.
- (C) criticar o consumo excessivo de produtos industrializados por parte da população, propondo a redução desse consumo.
- (D) associar o vocábulo “açúcar” à imagem do corpo fora de forma, sugerindo a substituição desse produto pelo adoçante.
- (E) relacionar a imagem do saco de açúcar a um corpo humano que não desenvolve atividades físicas, incentivando a prática esportiva.

1. Elementos da comunicação

Todo sistema de comunicação que utilize linguagem verbal ou não verbal apresenta os seguintes elementos:



EMISSOR – aquele que envia a mensagem.

RECEPTOR – aquele que recebe a mensagem.

CANAL – veículo através do qual a mensagem é transmitida.

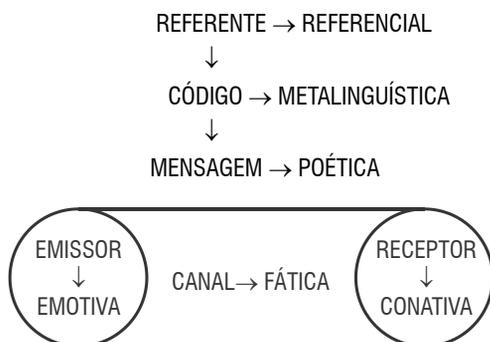
MENSAGEM – o conteúdo a ser transmitido, ou seja, o que se diz.

CÓDIGO – o tipo de linguagem utilizada para elaborar a mensagem.

REFERENTE – contexto sócio cultural que determina o teor da mensagem.

2. Funções da Linguagem

De acordo com a finalidade da comunicação, a linguagem pode assumir funções, cada uma delas estando relacionada à valorização de um dos elementos mencionados anteriormente, como se pode observar no esquema abaixo:



Função emotiva

Nessa função, valem os estados de alma do emissor, seus sentimentos e impressões a respeito de um assunto ou pessoa. Estando centrada no emissor, o reconhecimento da função emotiva é feito quando observamos: verbos e pronomes na primeira pessoa, adjetivação abundante, pontuação expressiva (exclamações e reticências), bem como a possível ocorrência de interjeições.

Ex.: “Nasci sob o signo da solidão. Será que a senti no ventre materno? É tão inerente a mim, que parece provir das escuras entranhas. Quando criança, ao apagar a luz do quarto, acariciava os lençóis da cama.”

(Rachel Jardim)

Função conativa

Encerra um apelo, uma intenção de influenciar o comportamento do receptor da mensagem ou chamar a sua atenção. Para identificá-la, devemos observar: o uso do vocativo, pronomes na segunda pessoa, ou pronomes de tratamento, bem como verbos no modo imperativo. É a função da propaganda.

Ex.: “Beba Coca-cola”
“Compre Baton”

Função fática

A função fática envolve o contato entre o emissor e o receptor, seja para iniciar, prolongar, interromper ou simplesmente testar a eficiência do canal de comunicação. Na língua escrita, qualquer recurso gráfico utilizado para chamar atenção para o próprio canal (negrito, mudar o padrão de letra, criar imagem com a distribuição das palavras na página em branco) constitui um exemplo de função fática. Na língua falada, existem várias pequenas frases que são utilizadas como marcas de função fática.

Ex.:

- I. – Oi! Como vai? → iniciar contato.
- II. – Esse candidato não pode ser eleito. Você concorda comigo? → prolongamento.
- III. – Agora preciso ir. Depois a gente conversa. Tchau. → interrupção.
- IV. – Alô! Você está me ouvindo bem? → Teste do canal.

Função poética

Centrada na própria mensagem, a função poética existe, predominantemente, em textos literários, resultantes da elaboração da linguagem, por meio de vários recursos estilísticos que a língua oferece. Muitas vezes, o que torna um texto literário não é propriamente o que se diz, mas como se diz.

Ex.:

“De repente do risco fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.”
(...)

(Vinicius de Moraes)

Função metalinguística

Consiste no uso do código para falar dele próprio, ou seja, a linguagem para explicar a própria linguagem. Pode ser encontrada, por exemplo, nos dicionários, que usam palavras para explicar o significado de outras. Do mesmo modo, um poeta pode escrever um poema que fale da própria poesia (metapoema), bem como uma narrativa pode estar comentando o próprio ato de narrar.

Ex.:

- (1) “O que é ilha?
é um porção de terra
cercada de água por
todos os lados.”

(Cassiano Ricardo)

- (2) “ – Professora, como se escreve exceção?
– Exceção se escreve com ç.”

Função referencial

Ocorre em textos que objetivam transmitir informações de maneira clara, direta, não permitindo conotações. A prioridade é dada ao conteúdo da mensagem.

Ex.:

“Há mais de uma década, as plantações brasileiras vêm sendo tratadas com agrotóxicos que contêm mercúrio, contaminando alimentos e agricultores. Um decreto do governador, assinado na semana passada,

obriga agora os produtores a utilizarem em suas lavouras apenas os defensivos agrícolas autorizados por receituário de engenheiro agrônomo ou florestas.”

(City News, 15 out.)

Obs.: É possível que um texto apresente mais de uma função da linguagem.

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

Mal secreto

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espírito que chora
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse;

Quanta gente que ri, talvez, consigo,
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

(Raimundo Correia)

Vocabulário:

Pungir: ferir; torturar.

Atroz: desumano, cruel.

Recôndito: escondido; desconhecido.

Chaga: ferida aberta.

01 (EEAR) Na primeira estrofe do soneto, destacam-se os seguintes sentimentos:

- (A) ilusão e alegria.
- (B) raiva e mágoa.
- (C) piedade e amizade.
- (D) inveja e felicidade.

Solução: Letra B.

Na primeira estrofe do soneto, o poeta fala sobre a possibilidade de os sentimentos de raiva (“a cólera que espuma”) e de mágoa (“a dor que mora n'alma”) serem mostrados sem disfarce, estampados no rosto.

02 (EEAR) Classifique em V (verdadeiro) ou F (falso) as condições propostas para sentirmos piedade, e não inveja de certas pessoas (1.ª, 2.ª e 4.ª estrofes). A seguir, assinale a sequência correta.

- () Se estivessem estampadas no rosto das pessoas as amarguras que elas carregam.
- () Se o espírito que chora pudesse ser visto através da máscara da face.
- () Se todos os sentimentos aflorados no rosto dessas pessoas fossem de felicidade.

- (A) V – V – F
- (B) F – F – V
- (C) F – V – F
- (D) V – F – V

Solução: Letra A.

Segundo o poema, os versos 3 e 4 – se estivessem estampadas no rosto das pessoas as amarguras que elas carregam – e os versos 5 e 6 – se o espírito que chora pudesse ser visto através da máscara da face – comprovam o sentimento de piedade que podemos sentir de certas pessoas, e não de inveja, porque se referem à cólera, dor, desilusão e ao choro. Se, entretanto, os sentimentos estampados no rosto dessas pessoas (de certas pessoas) fossem só de felicidade, nós sentiríamos inveja delas, e não piedade.

03 (EEAR) Na terceira estrofe, o poema aponta uma ideia contraditória: há pessoas que riem, mas têm dentro de si escondido um inimigo atroz. Esse inimigo é comparado:

- (A) à ilusão que nasce a cada dia.
- (B) a muita gente que ri porque está sempre venturosa.
- (C) a uma ferida que não se vê.
- (D) à piedade que alguém sente pelo inimigo.

Solução: Letra C.

A ideia de comparação, na terceira estrofe, está explicitada através da conjunção subordinativa comparativa “como” (“Como invisível chaga cancerosa”).

04 (EEAR) Assinale a alternativa que resume a ideia contida na última estrofe:

- (A) Há pessoas que riem apenas para parecerem felizes.
- (B) O riso é a única ventura da vida.
- (C) Existem pessoas que não riem porque são felizes.
- (D) Todas as pessoas riem; logo, todas são felizes.

Solução: Letra A.

Essa estrofe nos passa claramente a ideia de que há pessoas capazes de esconder o sofrimento, interiorizando-o de tal modo que ninguém percebe. Em seu rosto, mostram o riso apenas como disfarce, pois querem exteriorizar felicidade. Sua amargura (o mal secreto) fica bem no fundo da alma. Se nós pudéssemos enxergar através de suas faces esse sofrimento, teríamos compaixão delas.

05 (EEAR) Assinale a alternativa em que as palavras foram usadas no sentido denotativo:

- (A) Enquanto o córrego chorava, a natureza se vestia de verde.
- (B) O vento varria os telhados e as ruas naquela tarde fria.
- (C) Os barracos pedem socorro à cidade a seus pés.
- (D) No fundo do poço, aquele homem encontrou um tesouro.

Solução: Letra D.

As palavras com significação objetiva, ou seja, sentido denotativo, estão empregadas na frase “No fundo do poço, aquele homem encontrou um tesouro.” Nos demais períodos, observa-se o emprego de conotação.

EXERCÍCIOS NÍVEL 1

01 (AFA) Observe:

No Ar

Força Aérea Brasileira abre concurso para formar primeira turma de aviadoras

Uma mulher pode estar à frente do Comando da Aeronáutica no futuro. Em Portaria publicada dia 31 de julho, no Diário Oficial da União, o Comandante da Aeronáutica, Ten. Brig. do Ar Carlos de Almeida Baptista, autorizou a abertura de 20 vagas para as candidatas, em caráter excepcional, ao 1º ano do Curso de Formação de Oficiais Aviadores, da Academia da Força Aérea (AFA).

A função da linguagem predominante no texto acima é:

- (A) fática.
- (B) conativa.
- (C) referencial.
- (D) emotiva ou expressiva.

02 (AFA) Leia os fragmentos abaixo.

- I. "(...) Voyeur, que em francês significa algo como olhador."
- II. "Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar."
- III. "Na TV, internet, ou na exibição de fotos reveladoras, especialistas constatam: as pessoas gostam de espiar a intimidade alheia."

Neles há, respectivamente, predominância das funções:

- (A) conativa, emotiva, metalinguística.
- (B) referencial, apelativa, fática.
- (C) fática, conativa, emotiva.
- (D) metalinguística, poética, referencial.

03 (AFA) O conjunto musical Titãs foi a uma determinada emissora de televisão e cantou, seguido da plateia, uma música de seu repertório, cujo fragmento está abaixo reproduzido.

"A mãe diz pra eu fazer alguma coisa mas eu não faço nada
A luz do sol me incomoda, então eu deixo a cortina fechada
É que a televisão me deixou burro, muito burro demais
E agora eu vivo dentro dessa jaula junto dos animais."

Diante do contexto apresentado no enunciado, a função de linguagem predominante é a:

- (A) referencial.
- (B) conativa.
- (C) metalinguística.
- (D) poética.

04 (AFA) Relacione a 2ª coluna à 1ª e, a seguir, assinale a alternativa correta.

1ª coluna

- 1 – Função referencial
- 2 – Função expressiva
- 3 – Função conativa
- 4 – Função metalinguística

2ª coluna

- () "Só levo uma saudade – é dessas sombras"
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe! pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!"
- () "O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente."
- () "O coração é composto de três tipos principais de músculo cardíaco: músculo atrial, músculo ventricular e fibras musculares condutoras excitatórias especializadas.

()



- (A) 1 – 3 – 2 – 4.
- (B) 2 – 4 – 1 – 3.
- (C) 3 – 2 – 4 – 1.
- (D) 4 – 1 – 3 – 2.

05 (AFA) Qual função da linguagem predomina no excerto abaixo?

" – Mamãe! gritou mortificada a dona da casa. – Que é isso, mamãe!"

- (A) poética
- (B) emotiva
- (C) conativa
- (D) referencial

06 (AFA) "Não consultes dicionários. *Casmurro* não está aqui no sentido que lhes dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. *Dom* veio por ironia para atribuir-me fumos de fidalgo."

1. Semântica

Ramo da linguística que se ocupa do estudo da significação como parte dos sistemas das línguas naturais; pode ser abordado sincrônica ou diacronicamente.

Sinônimos

São palavras de sentido igual ou aproximado: alfabeto e abecedário; brado, grito e clamor; extinguir, apagar e abolir.

Obs.: A contribuição greco-latina é responsável pela existência de numerosos pares de sinônimos: adversário e antagonista; translúcido e diáfano; semicírculo e hemicírculo; contraveneno e antídoto; moral e ética; colóquio e diálogo; transformação e metamorfose; oposição e antítese.

Antônimos

São palavras de significação oposta: ordem e anarquia; soberba e humildade; louvar e censurar; mal e bem.

Obs.: A antonímia pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo: bendizer e maldizer; simpático e antipático; progredir e regredir; concórdia e discórdia; ativo e inativo; esperar e desesperar; comunista e anti comunista; simétrico e assimétrico.

Homônimos

Homógrafos

São palavras iguais na escrita e diferentes na pronúncia: rego (subst.) e rego (verbo); colher (verbo) e colher (subst.); jogo (subst.) e jogo (verbo); apoio (subst.) e apoio (verbo); denúncia (subst.) e denuncia (verbo); providência (subst.) e providencia (verbo).

Homófonos

São palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita: acender (atear) e ascender (subir); concertar (harmonizar) e consertar (reparar); cela (compartimento) e sela (arreio); censo (recenseamento) e senso (juízo); paço (palácio) e passo (andar).

Homógrafos e homófonos simultaneamente

São palavras iguais na escrita e na pronúncia: caminho (subst.) e caminho (verbo); cedo (verbo) e cedo (adv.); livre (adj.) e livre (verbo).

Polissemia

É multiplicidade de sentidos de uma palavra ou locução. A polissemia é um fenômeno comum nas línguas naturais, são raras as palavras que não a apresentam; difere da homonímia por ser a mesma palavra, e não, palavras com origens diferentes que convergiram foneticamente. As causas da polissemia são:

- I. os usos figurados, por metáfora ou metonímia, por extensão de sentido, analogia etc.;
- II. empréstimo de acepção que a palavra tem em outra língua.

Parônimos

São palavras parecidas na escrita e na pronúncia: coro e couro; cesta e sesta; eminente e iminente; osso e ouço; sede e cede; comprimento e cumprimento; tetânico e titânico; autuar e atuar; degradar e degredar; infligir e infringir; deferir e diferir; suar e soar.

Hiponímia

Relação existente entre uma palavra de sentido mais específico e outra de sentido mais genérico, que tem com a primeira traços semânticos comuns (por exemplo, mamífero em uma relação de hiponímia com animal).

Hiperonímia

Relação estabelecida entre um vocábulo de sentido mais genérico e outro de sentido mais específico (por exemplo, animal está em uma relação de hiperonímia com leão, gato etc.).

Neologismo semântico

Forma-se uma palavra por neologismo semântico, quando se dá um novo significado, somado ao que já existe. Por exemplo, a palavra "legal" significa "dentro da lei"; a esse significado acrescentam-se outros: "bom", "agradável", "interessante" etc.

Denotação

É vínculo direto de significação (sem sentidos derivativos ou figurados) que um nome estabelece com um objeto da realidade. Constitui um relação significativa objetiva entre marca, ícone, sinal, símbolo etc., e o conceito que eles representam (por exemplo, a relação entre cruz e 'hospital', entre caveira com dois ossos cruzados e 'perigo' ou 'veneno', entre a forma sonora /masã/ maçã e 'fruto da macieira' etc.).

Conotação

Conjunto de alterações ou ampliações que uma palavra agrega ao seu sentido literal (denotativo), por associações linguísticas de diversos tipos (estilísticas, fonéticas, semânticas), ou por identificação com algum dos atributos de coisas, pessoas, animais e outros seres da natureza (p.ex., porco, rato, pavão, cisne, garça etc.), ou do mundo social (ligação da palavra com profissões, grupos de idade, ideologias, crenças, classes sociais, países ou regiões geográficas etc.), ou com coisas, personagens ou pessoas que inspiram sentimentos de admiração, amor, ódio, temor, asco etc.

2. Lista de Homônimos e Parônimos

Acender – pôr fogo a

Ascender – elevar-se, subir

Acento – inflexão de voz, tom de voz, acento

Assento – base, lugar de sentar-se

Acessório – pertences de qualquer instrumento ou máquina; que não é principal

Assessorio – diz respeito a assistente, adjunto ou assessor

Aço – ferro temperado

Asso – do verbo assar

Anticéptico – contrário ao cepticismo

Antisséptico – contrário ao pútrido; desinfetante

Asar – guarnecer de asas

Azar – má sorte, ocasionar

Brocha – tipo de prego

Broxa – tipo de pincel

Caçado – apanhado na caça

Cassado – anulado

Cardeal – principal; prelado; ave; planta; ponto (cardeal)

Cardial – relativo à cárdia

Cartucho – carga de arma de fogo

Cartuxo – frade de Cartuxa

Cédula – documento

Sédula – feminino de sédulo (cuidadoso)

Cegar – tornar ou ficar cego

Segar – ceifar

Cela – aposento de religiosos; pequeno quarto de dormir

Sela – arreio de cavalgadura

Censo – recenseamento

Senso – juízo

Censual – relativo a censo

Sensual – relativo aos sentidos

Cerra – do verbo cerrar (fechar)

Serra – instrumento cortante; montanha; do verbo *serrar* (cortar)

Cerração – nevoeiro denso

Serração – ato de serrar

Cerrado – denso; terreno murado; part. do verbo *cerrar* (fechado)

Serrado – participio de serrar (cortar)

Cessão – ato de ceder

Sessão – tempo que dura uma assembleia

Secção ou seção – corte, divisão

Cevar – nutrir, saciar

Sevar – ralar

Chá – infusão de folhas para bebidas

Xá – título do soberano da Pérsia

Cheque – ordem de pagamento

Xequê – perigo; lance de jogo de xadrez; chefe de tribo árabe

Cinta – tira de pano

Sinta – do verbo *sentir*

Círio – vela de cera

Sírio – relativo à Síria; natural desta

Cível – relativo ao Direito Civil

Civil – polido; referente às relações dos cidadãos entre si

Cocho – tabuleiro

Coxo – que manqueja

Comprimento – extensão

Cumprimento – ato de cumprir, saudação

Concelho – município

Conselho – parecer

Concerto – sessão musical; harmonia

Conserto – remendo, reparação

Concílio – assembleia de prelados católicos

Consílio – conselho

Conjetura – suposição

Conjuntura – momento

Coringa – pequena vela triangular usada à proa das canoas de embono; moço de barçaça

Curinga – carta de baralho

Corisa – inseto

Coriza – secreção das fossas nasais

Coser – costurar

Cozer – cozinhar

Decente – decoroso

Descente – que desce

Deferir – atender, conceder

Diferir – distinguir-se; posicionar-se contrariamente; adiar (um compromisso marcado)

Descargo – alívio

Desencargo – desobrigação de um encargo

Desconcertado – descomposto; disparato

Desconsertado – desarranjado

Descrição – ato de descrever

Discrição – qualidade de discreto

Discriminar – inocentar
Discriminar – distinguir, diferenciar

Dispensa – copa
Dispensa – ato de dispensar

Despercebido – não notado
Desapercebido – desprevenido

Édito – ordem judicial
Edito – decreto, lei (do executivo ou legislativo)

Elidir – eliminar
Ilidir – refutar

Emergir – sair de onde estava mergulhado
Imergir – mergulhar
Emerso – que emergiu
Imerso – mergulhado

Emigração – ato de emigrar
Imigração – ato de imigrar

Eminente – excelente
Iminente – sobranceiro; que está por acontecer

Emissão – ato de emitir, pôr em circulação
Imissão – ato de imitar, fazer entrar

Empossar – dar posse
Empoçar – formar poça

Espectador – o que observa um ato
Expectador – o que tem expectativa

Espedir – despedir; estar moribundo
Expedir – enviar

Esperto – inteligente, vivo
Experto – perito *expert*

Espiar – espreitar
Expíar – sofrer pena ou castigo

Esplanada – terreno plano
Explanada (o) – part. do verbo *explanar*

Estasiado – ressequido
Extasiado – arrebatado

Estático – firme
Extático – absorto

Esterno – osso dianteiro do peito
Externo – que está por fora

Estirpe – raiz, linhagem
Extirpe – flexão do verbo *extirpar*

Estofar – cobrir de estofa
Estufar – meter em estufa

Estrato – filas de nuvens
Extrato – coisa que se extraiu de outra
Estremado – demarcado
Extremado – extraordinário

Flagrante – evidente
Fragrante – perfumado

Fluir – correr
Fruir – desfrutar

Fuzil – arma de fogo
Fusível – peça de instalação elétrica

Gás – fluido aeriforme
Gaz – medida de extensão

Incidente – acessório, episódio
Acidente – desastre; relevo geográfico

Infligir – aplicar castigo ou pena
Infringir – transgredir

Incipiente – que está em começo, iniciante
Insipiente – ignorante

Intenção – propósito
Intensão – intensidade; força

Intercessão – ato de interceder
Interseção – ato de cortar

Laço – nó que se desata facilmente
Lasso – fatigado

Maça – clava; pilão
Massa – mistura

Maçudo – maçador; monótono

Massudo – que tem aspecto de massa

Mandado – ordem judicial

Mandato – período de permanência em cargo

Mesinha – diminutivo de mesa

Mezinha – medicamento

Óleo – líquido combustível

Ólio – espécie de aranha grande

Paço – palácio real ou episcopal

Passo – marcha

Peão – indivíduo que anda a pé; peça de xadrez

Pião – brinquedo

Pleito – disputa

Preito – homenagem

Presar – aprisionar

Prezar – estimar muito

Proeminente – saliente no aspecto físico

Preeminente – nobre, distinto

Ratificar – confirmar

Retificar – corrigir

Recreação – recreio

Recriação – ato de recriar

Recrear – proporcionar recreio

Recriar – criar de novo

Ruço – grave, insustentável

Russo – da Rússia

Serva – criada, escrava

Cerva – fêmea do cervo

Sesta – hora do descanso

Sexta – redução de sexta-feira; hora canônica; intervalo musical

Tacha – tipo de prego; defeito; mancha moral

Taxa – imposto

Tachar – censurar, notar defeito em; pôr prego em

Taxar – determinar a taxa de

Tráfego – trânsito

Tráfico – negócio ilícito

Viagem – jornada

Viajem – do verbo viajar

Vultoso – volumoso

Vultuoso – inchado

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

01 (EEAR) Assinale a alternativa em que a palavra *noite* foi empregada no sentido denotativo.

(A) “Sinto que nós somos noite, que palpítamos no escuro e em noites nos dissolvemos.”

(B) “Quando você foi embora Fez-se noite em meu viver.”

(C) “Já é noite em teu bairro, e as mocinhas de calças compridas desceram para a porta após o jantar.”

(D) “A noite tem deixado Seus rancores gravados A faca e canivete A lápis e gilete.”

Solução: Letra C.

Nas alternativas A, B e D, a palavra *noite* foi empregada fora de sua significação natural. Em A, *noite* significa o fim de algo, talvez um

relacionamento; em B, tem o significado de tristeza; e em D, é uma personificação das pessoas de hábitos noturnos e boêmios, como também das que cometem atos a ser escondidos, daí a relação com o escuro. Nesse caso, são atribuídas ações humanas a conceitos abstratos. Em C, a palavra *noite* apresenta significado denotativo e não remete o interlocutor a outro tipo de associação ou interpretação que não seja “espaço de tempo em que o Sol está abaixo do horizonte.”

02 (EEAR) Assinale a alternativa em que **não** há conotação.

(A) “Cuidava com esmero de seus cristais postos impecavelmente na cristaleira talhada a mão.”

(B) “As indústrias despejam a morte nos rios.”

(C) “Faço no tempo soar minha sílaba.”

(D) “... tem sabor diferente / que a boca da gente jamais esqueceu.”

Solução: Letra A.

Todas as expressões possuem sentido denotativo, objetivo, literal, ao contrário do que se verifica em B (“indústrias despejam morte”: metonímia – relação de causa/efeito), em C (“no tempo soar minha sílaba”: metáfora e metonímia – parte pelo todo) e em D (“a boca da gente jamais esqueceu”: metonímia – parte pelo todo).

03 (EEAR) Assinale a alternativa em que a mudança de tonicidade dos termos destacados **não** resulta em alteração de classe de palavra.

- (A) Não **contem** à pequena menina o que **contém** a caixa. É surpresa!
 (B) Durante sua fala, o músico **cítara** o nome daquele instrumento musical de belo som, a **cítara**.
 (C) Na alma **está** a vida; na alma **esta** presença: você.
 (D) **Sê** perseverante, mesmo **se** a vida te oferecer mil obstáculos.

Solução: Letra A.

Na alternativa em questão, temos dois verbos: *contem/contém* (contar/ conter). O que houve foi a mudança de tonicidade: *contem* é paroxitona; *contém* é oxítona terminada em *em*, portanto, acentuada. Nas demais alternativas, temos, respectivamente, verbo e substantivo; verbo e pronome; verbo e conjunção.

04 (EEAR) Complete as frases a seguir e depois assinale a alternativa com a sequência correta.

- a. Palavra que se refere a suposição: _____.
 b. Palavra que se refere a som agudo do vento: _____.
 c. Palavra referente a estar firme, imóvel: _____.
- (A) conjuntura, zumbido, estático (C) conjetura, zunido, estático
 (B) conjuntura, zunido, extático (D) conjetura, zumbido, extático

Solução: Letra C.

A palavra referente a suposição é conjetura; conjuntura significa situação. Zunido refere-se a som do vento, e zumbido, a ruído, sussurro de insetos. Estático significa firme, imóvel; já extático, pasmado, admirado. Confira o assunto, por exemplo, em “Nossa Gramática”, de Luiz A. Sacconi, às páginas 75 e 76, bem como em dicionários.

EXERCÍCIOS NÍVEL 1

01 (AFA) Leia este poema, de Adélia Prado, e responda à questão proposta.

Explicação de poesia sem ninguém pedir

Um trem-de-ferro é uma coisa mecânica,
 Mas atravessa a noite, a madrugada, o dia
 Atravessou minha vida,
 Virou só sentimento

(Poesia reunida. São Paulo: Siciliano, 1991. p.48)

Ao lado do sentido comum de “veículo ferroviário”, a expressão *trem-de-ferro*, no poema, tem também o sentido conotativo de:

- (A) lembrança, sentimento. (C) força, poder.
 (B) tristeza, angústia. (D) solidão, vazio interior.

02 (AFA) Leia atentamente o excerto da “Canção do Expedicionário”:

“Venho do além desse monte
 Que ainda azul no horizonte,
 Onde o nosso amor nasceu;
 Do rancho que tinha ao lado
 Um coqueiro que, coitado,
 De saudade já morreu.
 Venho do verde mais belo,
 Do mais dourado amarelo,
 Do azul mais cheio de luz,
 Cheio de estrelas prateadas,
 Que se ajoelham deslumbradas,
 Fazendo o sinal da cruz.”

Todas as alternativas abaixo apresentam vocábulos com relação antonímica, **exceto**:

- (A) Venho – vou. (C) Deslumbrado – fascinado.
 (B) Nasceu – morreu. (D) Coitado – feliz.

03 (AFA) Minha colega teve uma súbita dor no peito. O chefe pediu que eu fosse com ela ao cardiologista. Após examiná-la, o **médico** disse que não se tratava de nada grave. As dores eram provocadas por gases.

O emprego da palavra **médico** é um recurso de coesão denominado:

- (A) hiperonímia.
 (B) sinonímia.
 (C) eclipse parcial.
 (D) eclipse total.

04 (AFA) A cena final do seriado “Anos Rebeldes” foi mesmo **antológica**. Num breve momento retratou toda uma época, com fidelidade, poesia e arte. O termo destacado pode ser substituído, sem alterar o contexto, por:

- (A) completa.
 (B) perfeita.
 (C) notável.
 (D) peculiar.

05 (EPCAR) Leia atentamente o texto abaixo e, a seguir, assinale a afirmativa correta em relação a ele.

Graças a um de seus filhos, grande fisioterapeuta, logo se afastou o risco de paralisia, que parecia eminente. Filho prodígio! Foi fundamental para sua recuperação e para economizar um bom dinheiro. As despesas com médicos, nesses casos, costumam ser vultuosas.

- (A) Todos os vocábulos do referido excerto estão grafados corretamente.
 (B) **Eminente** significa que está prestes a acontecer.
 (C) O vocábulo **prodígio** apresenta a mesma relação sinonímica de **prodígio**.
 (D) Deve-se substituir o vocábulo **vultuosas** por **vultosas**.

06 (EPCAR) Assinale a alternativa em que há predominância da linguagem **conotativa**.

- (A) “(...) a possibilidade de ir pro Japão / Num cargueiro do Lloyd.”
 (B) “Você culpa seus pais por tudo.”
 (C) “Eu moro com minha mãe, / mas meu pai vem me visitar...”
 (D) “Que razão teriam para abrir mão de tudo isso?”

Metáfora

É uma comparação mental, de caráter subjetivo. A sua ocorrência é marcada pela utilização de um termo que se associa a outro pela força de uma comparação.

Ex.: “Esbraseia o Ocidente na Agonia / O Sol... Aves, em bandos destacados, / Por céus de ouro e de púrpura raiados, / Fogem... Fecha-se a pálebra do dia...”

(Raimundo Correia)

Sinestesia

É a mistura de sensações por meio de palavras que evocam sentidos diferentes.

Ex.: “Música vermelha”. (Luís Delfino)
 “Rumor cheiroso de uma aurora”. (Luís Delfino)
 “O veludoso canto”. (Dario Veloso)

Catacrese

É o emprego de palavras ou expressões emprestadas para designar um ser ou para indicar uma determinada ação.

Ex.: O **pe de mesa** estava quebrado.
 Não deixe de colocar dois **dentes de alho** na comida.
 Quando **embarquei** no avião, fui tomado pelo medo.
 Acho que revestirei a parede de **azulejos** verdes.

Metonímia

É a utilização de um termo em lugar de outro do mesmo campo semântico, havendo entre eles uma contiguidade.

Ex.:

(A) Lugar pelo produto: Fumei um havana.
 (B) Efeito pela causa: Ganhei o pão com o suor do meu rosto.
 (C) Matéria pelo objeto: Preciso ganhar umas pratas.
 (D) Marca pelo objeto: Comprei uma gilete.
 (E) Sinal pela coisa significada: A balança tem mandado muitos para os presídios.
 (F) Abstrato pelo concreto: A juventude (os jovens) gosta de novidade.
 (G) Autor pela obra: Consultemos Machado de Assis.
 (H) Continente pelo conteúdo: Bebemos dez copos.
 (I) Instrumento pela pessoa que o utiliza: Sempre fui um bom garfo.

Sinédoque

É o nome que se dá ao tipo de metonímia em que a relação objetiva é a parte pelo todo ou o todo pela parte.

Ex.:

(A) As chaminés forjam a grandeza de São Paulo.
 (= As fábricas forjam a grandeza de São Paulo)



(B) Maria completa hoje dezenove primaveras.
 (= Maria completa hoje dezenove anos)

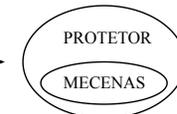


(C) Os mortais pensam e sofrem neste mundo.
 (= Os homens pensam e sofrem neste mundo)

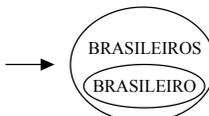


(D) Para os artistas ele foi um Mecenas.

(= Para os artistas ele foi um protetor)



(E) O brasileiro é sempre gentil e hospitaleiro.
 (= Os brasileiros são sempre gentis e hospitaleiros)



Antonomásia

É a designação de uma pessoa, não pelo seu nome, mas sim pela qualidade ou circunstância que a notabilizaram.

Ex.: O Divino Mestre (= Jesus Cristo) pregava a prática do bem.
 O Poeta dos Escravos (= Castro Alves) morreu na flor dos anos.
 A Águia de Haia (= Rui Barbosa) lutou pela força do direito.

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

Não há vaga

O Menino-Deus veio ao mundo num quadro de extrema humildade e despojamento. Um pobre carpinteiro sai com sua mulher de Nazaré e viaja primitivamente até Belém, para cumprir uma disposição legal do Império — o recenseamento. Estando ali — como diz o Evangelista — aconteceu completarem-se os dias em que Maria devia dar à luz. E deu à luz o seu filho primogênito, e o enfaixou, e o reclinou numa manjedoura; porque não havia lugar para eles na estalagem.

Cristo assume assim obscuramente o seu destino humano. Entra no tempo e na história pela porta da maior modéstia. O carpinteiro, sua mulher grávida obrigada a uma penosa viagem, a falta de lugar nas estalagens — tudo fala eloquentemente de uma pobreza singela e anônima. A primeira lição, pois, é a do desprendimento absoluto, da absoluta pobreza.

O Natal soa, por isso mesmo, em nosso mundo de 1966, como um escândalo, só comparável àquele outro escândalo que encerra o ciclo do Redentor da Terra — a morte na cruz. Que sentido terá, para a nossa mentalidade destes dias, essa estranha festa da Esperança que nos convida a renascer segundo valores que negam e repudiam os critérios dominantes?

Num mundo dominado pelo sentimento do lucro e da competição, como entender a mensagem e o mistério que se desprendem da humilde gruta de Belém? Um carpinteiro dócil a uma vontade que vem do alto, um carpinteiro sem poder aquisitivo e uma virgem que ouve vozes e fala com os anjos... — como esse quadro parece distante da automação e dos cérebros eletrônicos, dos foguetes intercontinentais.

(...).

Talvez por isso a gruta se entulhe, hoje, de guizos e quinquilharias (...). Aos olhos infantis de hoje, que é o presépio ao lado do maravilhoso trenzinho elétrico? Que atrativo tem essa história ao lado do fascinante autorama?

De repente, o Menino ficou antigo (...), como há 1966 anos, não há lugar nas estalagens. A pobre família de Nazaré continua mergulhada na obscuridade e o Papai Noel que vende eletrodomésticos pelo crediário nunca ouviu falar numa remotíssima gruta de Belém, com um boi e um burro que o cavalo-vapor tornou obsoletos.

Não há vaga — dizem as tabuletas que o meu momentâneo pessimismo vê pregadas em todas as portas. Algo mais forte, porém, me diz que, contra toda evidência e contra todas as portas fechadas, no fundo do coração humano subsiste a Esperança. E é dela que fala o Natal.

Otto Lara Resende

01 (EEAR) Quanto à lição do desprendimento absoluto, da absoluta pobreza, citada no 2º parágrafo, o autor:

- (A) considera-a, numa visão pessoal, um escândalo, principalmente no mundo de 1966, por se afastar dos critérios dominantes.
- (B) relaciona-a às condições em que Cristo veio ao mundo, decorrendo daí o sentido e o espírito do Natal.
- (C) não compreende o seu sentido, pois ele vive em outra realidade.
- (D) repudia-a totalmente, já que ela nada tem a ver com os valores modernos.

Solução

Letra B.

O 2º parágrafo trata justamente das condições precárias em que Cristo foi concebido; daí a conclusão de que isso nos deixa uma lição de desprendimento e pobreza absolutos, pois são esses os valores que a festa de Natal nos ensina.

02 (EEAR) Leia as perguntas presentes no 3º, 4º e 5º parágrafos. É correto afirmar que:

- (A) elas tornam evidente que o autor não aceita os valores relacionados ao Natal.
- (B) as questões são irônicas; tentam disfarçar o verdadeiro sentido do Natal.
- (C) os questionamentos revelam uma falta de posicionamento do autor, inseguro quanto ao significado correto da festividade natalina.
- (D) todas elas funcionam como argumentos para reforçar a ideia de que os princípios do Natal vão de encontro aos valores modernos vigentes.

Solução

Letra D.

Os questionamentos são uma forma de argumentação que torna mais evidente a tese de que a sociedade moderna tem se afastado cada vez mais do ideal natalino.

03 (EEAR) Quanto aos parágrafos 5 e 6, pode-se dizer que:

- (A) confirmam a ideia de que as “novidades modernas” no presépio e caracterizam a atualização e o despojamento dos tempos contemporâneos.
- (B) não há nenhuma crítica, por parte do autor, para a ideia de acréscimo de elementos notadamente modernos ao presépio.
- (C) a reinterpretção que se faz do presépio simboliza a transformação do Natal de “festa do ser” para “festa do ter”.
- (D) os critérios dominantes na atualidade valorizam a lição que nos traz o Natal, ao enchermos o presépio de guizos e quinquilharias.

Solução

Letra C.

Os parágrafos em questão reforçam a ideia de que nossa percepção do Natal passa pelo consumismo, pela valorização da matéria. Isso leva ao obscurantismo a principal figura do presépio – o menino – e, em consequência, a mensagem de amor e desprendimento.

04 (EEAR) Na conclusão do texto, o autor:

- (A) resume sua mensagem, reforçada pelo título: apesar de toda a bondade humana, o homem ainda não aprendeu a abrir as portas, ou seja, não aprendeu a ser solidário.
- (B) mostra que o Natal fala de uma Esperança que, no entanto, não existe senão no imaginário popular, cultivado através dos tempos por costume adquirido.
- (C) afirma que o ser humano, a despeito de todas as demonstrações contrárias, ainda possui Esperança, a qual é, justamente, a mensagem do Natal.
- (D) constata, com pessimismo, o evidente e incorrigível egoísmo humano, ideia central do texto.

Solução

Letra C.

A mensagem final é a de que, apesar de todas as evidências contrárias, o autor acredita que o homem ainda guarda, em seu coração, o sentimento maior do Natal, que é a esperança.

05 (EEAR) Marque a única metáfora que apresenta definição:

- (A) “Olhei para as árvores e respirei a tranquilidade que saía delas.”
- (B) “... quando chove,/ eu chovo,/ faz sol,/ eu faço,/ de noite,/ anoiteço...”
- (C) “Estou apaixonado por uma menina terra.”
- (D) “A alma é o cenário onde os pensamentos caminham.”

Solução

Letra D.

Embora nas demais alternativas haja a construção das ideias valendo--se da figura de palavra *metáfora*, apenas na alternativa D temos uma definição (o que é?); define-se a expressão *alma* não no seu sentido denotativo, conforme se vê no dicionário, mas por meio de analogia.

EXERCÍCIOS NÍVEL 1

01 (EPCAR) Assinale a alternativa em que há predominância da linguagem conotativa:

- (A) “(...) a possibilidade de ir pro Japão / Num cargueiro do Lloyd.”
- (B) “Você culpa seus pais por tudo.”
- (C) “Eu moro com minha mãe, / mas meu pai vem me visitar...”
- (D) “Que razão teriam para abrir mão de tudo isso?”

02 (EPCAR) Assinale a alternativa em que a figura de linguagem está corretamente classificada.

- (A) “Para eles, a democracia é satânica. Por isso tem que ser combatida e destruída.” (**polissíndeto**)
- (B) “Sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.” (**apóstrofe**)
- (C) “Meus olhos estão tristes porque você decidiu partir.” (**metonímia**)
- (D) “Não foi um ataque de Davi contra Golias.” (**hipérbole**)

03 (EPCAR) Assinale a alternativa cuja figura de linguagem esteja corretamente classificada.

- (A) “O Águia de Haia lutou pela força do direito contra o direito da força”. **(Apóstrofe)**
 (B) “Meu rapaz, és um outro Rui Barbosa”. **(Antítese)**
 (C) “Lento, o bronze soa...”. **(Metonímia)**
 (D) “Suspira, e chora, e geme, e sofre, e sua...” **(Aliteração)**

04 (EPCAR) Assinale a alternativa em que predomina a linguagem metafórica.

- (A) “A medicina agora está estudando a importância do bom humor e dos sentimentos positivos na prevenção e no tratamento de moléstias.”
 (B) “O resultado foi surpreendente: os que foram submetidos às sessões de risadas sofreram menos episódios de arritmia...”
 (C) “Fica sereno, num sorriso justo, Enquanto tudo em derredor oscila.”
 (D) “A equipe do doutor Berk acompanhou durante um ano 100 homens que já haviam enfartado...”

O aeroplano

Quisera ser um ás para voar bem alto
 sobre a cidade de meu berço!
 Bem mais alto que os lamentos bronze
 Das catedrais **catalépticas**;
 Muito rente do azul quase a sumir no céu
 Longe da casaria que diminui
 Longe, bem longe deste chão de asfalto ...

Eu quisera pairar sobre a cidade! ...

O motor cantaria
 No anfiteatro azul **apanelado**

A sua roncante sinfonia ...
 Oh! voar sem pousar no espaço que se estira
 Meu, só meu;
 Atravessando os ventos assombrados
 Pela minha ousadia de subir
 Até onde só eles atingiram! ...

Girar no alto
 E em rápida descida
 Cair em torvelinhos
 Como ave ferida ...

Dar cambalhotas repentinas
Loopings fantásticos
 Saltos mortais
 Como um atleta elástico de aço

O ranger rascante do motor ...
 No anfiteatro com painéis de nuvens
 Tambor ...

Se um dia
 O meu corpo escapasse do aeroplano,
 Eu abriria os braços com ardor
 Para o mergulho azul na tarde transparente ...
 Como seria semelhante
 A um anjo de corpo desfraldado
 Asas abertas, precipitado
 Sobre a terra distante ...

Riscando o céu na minha queda brusca
 Rápida e precisa,
 Cortando o ar em êxtase no espaço
 Meu corpo cantaria

Sibilando
 A sinfonia da velocidade

E eu tombaria
 Entre os braços abertos na cidade ...

Ser aviador para voar bem alto!

(ARANHA, Luís. *Cocktails*. Org. por Nelson Ascher e Rui Moreira Leite. São Paulo, Brasiliense, 1984. p. 95-6.)

05 (EPCAR) Numere a 2ª coluna de acordo com a 1ª e, a seguir, assinale a alternativa correta:

- | | |
|-----------------|-----------------------------------|
| (1) Metáfora | () “os braços abertos na cidade” |
| (2) Metonímia | () “o motor cantaria” |
| (3) Prosopopeia | () “meu corpo cantaria” |
| | () “lamentos bronze” |
| | () “catedrais catalépticas” |

- (A) 3, 3, 2, 1, 3.
 (B) 2, 3, 3, 2, 1.
 (C) 2, 2, 1, 3, 2.
 (D) 1, 1, 2, 3, 2.

06 (AFA) Analise os excertos do texto:

- I. (...) o desejo de realização é o impulso mais vigoroso para quem quer chegar à Lua.
- II. Vieram as prostitutas, as feiticeiras, as criminosas, as adúlteras, vieram as negras para a escravidão e para o ranger dos catres.
- III. Desde a chegada da esquadra de Cabral à costa brasileira até quase duzentos anos depois, não há a menção do nome de nenhuma mulher em nossa História oficial.

É correto afirmar que há conotação em:

- (A) II, apenas.
 (B) I e II, somente.
 (C) II e III, apenas.
 (D) I, II e III.

Antítese

É o emprego de expressões de sentidos opostos.

Ex.: “Uns querem o mal, e fazem-nos o bem. Outros nos almejam o bem, e trazem o mal.”

(Rui Barbosa)

Apóstrofe

É a interpelação enfática de pessoas ou coisas.

Ex.: “Sabei, cristãos, sabei, príncipes, sabei, ministros, que vos há de pedir estreita conta do que fizestes, mas muito mais do que deixastes de fazer.”

(Vieira)

Hipérbole

É a expressão intencionalmente exagerada, a fim de realçar o pensamento.

Ex.: “Gente inimiga era tanta, / tantas bandeiras no céu, / que o Sol, baixando atrás delas, / como que se escureceu...”

(Camões)

Eufemismo

É o emprego de expressão mais suave, mais nobre, a fim de ambrandar uma ideia desagradável ou chocante.

Ex.: Depois de muito sofrimento, ele entregou a alma a Deus. (= morreu)

Disfemismo

É a expressão de uma ideia de forma brutal, rude, violenta, ou seja, o oposto do eufemismo.

Ex.: “... recebo uma patada no ombro e reconheço que perdi a luta...”

(Fernando Sabino)

Este calhambeque não funciona mesmo, hein!

Personificação, prosopopeia ou animismo

É a atribuição de características de seres animados a seres inanimados, irracionais ou abstratos.

Ex.: “Os montes de mais perto respondiam, quase movidos de alta piedade.”

(Camões)

Ironia

É a expressão que contém o oposto do que se quer dizer, com intenção de criticar ou desprezar.

Ex.: Parece realmente um santinho digno do altar.

Obs.: Quando a ironia é ofensiva, é denominada sarcasmo.

Ex.: “Olá! tu que destróis o templo de Deus e o reedificas em três dias, livra-te a ti mesmo, descendo da cruz.”

(São Marcos)

Gradação

É a expressão progressiva do pensamento, por meio de palavras ou expressões em ordem crescente (clímax) ou decrescente (anticlímax).

Ex.: “Os que servem são os que não invejam, os que não infamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emudecem, os que não se acobardam, mas resistem, mas ensinam, mas esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo.”

(Rui Barbosa)

Enálage

É a utilização de uma forma verbal em lugar de outra.

Ex.: Se deres mais um passo, morres. (= morrerás)

Litotes

É uma afirmação que ocorre por meio de uma negação.

Ex.: Hoje você não está bem. (= está mal)

Comparação

Constui e uma comparação propriamente dita, direta, linguisticamente marcada por conjunções ou expressões equivalentes.

Ex.: “O favo do jati não era tão doce como o seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.”

(José de Alencar)

Alusão

Consiste em aludir a algum fato ou pessoa conhecidos.

Ex.: Não faça como Nero.

“Se uma ovelha perdida e já cobrada

Glória tal e prazer tão repentino

Vos deu, como afirmais na sacra história,”

(Gregório de Matos)

Alegoria

Consiste numa série de figuras (metáforas, comparações) que transferem a narrativa (personagens e ações) para o plano do símbolo ou da fábula.

Ex.: “O chefe do governo, timoneiro seguro, vai conduzindo a nau do Estado, através de escolhos, no mar encapelado da política.”

(Vitório Bergo)

“Esta árvore do Estado, de cujas ramas pendem troféus ganhos no Oriente, tem as raízes apartadas do tronco por infinitas léguas ...”

(J. Freire)

Paradoxo

São ideias antagônicas ou opostas, que se excluem mutuamente, mas que aparecem, ao mesmo tempo, em uma única estrutura frasal.

Ex.: “Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer”

(Camões)

Perífrase

É o rodeio de palavras ou frase que substitui o nome comum ou próprio.

Ex.: Visitamos a Cidade Eterna. (= Roma)
“Última flor do Lácio (= língua portuguesa), inculta e bela”
O astro rei (= Sol) brilha para todos.

(Olavo Bilac)

Preterição

Consiste em afirmar que não se tratará de um assunto e, ao mesmo tempo, estar tratando dele.

Ex.: “Não pretendo aqui lembrar que o réu é um herói de guerra, duas vezes condecorado por atos de bravura.”

(H. Fontes)

Prolepse

Consiste em prever as objeções do interlocutor ou adversário e refutá-las antecipadamente.

Ex.: “Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso! E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...”

(Olavo Bilac)

Exclamação

É a expressão de surpresa ou entusiasmo para realçar uma intensa emoção.

Ex.: “Ó ideias cegas! Ó gentilezas enganadas! Ó descrições mal-entendidas!”

(Vieira)

Interrogação

É a substituição de uma afirmação pura e simples por uma pergunta.

Ex.: “Não sentes descobertos teus designios? Não vês que todos já conhecem tua conspiração?”

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

Bruxos, vampiros e avatares

Lya Luft

“A tecnologia abre territórios fascinantes, e ameaça nos controlar: se pensarmos um pouco, sentiremos medo

Cibernéticos e virtuais, nadamos num rio de novidades e nos consideramos moderníssimos. Um turbilhão de recursos trazidos pela ciência, pela tecnologia, nos atrai ou confunde. Se somos mais velhos, nos faz crer que jamais pegaremos esse bonde – embora ele seja para todos os que se dispuserem a nele subir, não necessariamente para ser campeões ou heróis.

A tecnologia abre territórios fascinantes, e ameaça nos controlar: se pensarmos um pouco, sentiremos medo. O que mais vem por aí, quanto podemos lidar com essas novidades, sem saber direito quais são as positivas, quanto servem para promover progresso ou para nos exterminar ao toque do botão de algum demente no poder? Exageradamente entregues a esses jogos cada dia inovados, vamos nos perder da nossa natureza real, o instinto? Viramos homens e mulheres pós-modernos, sem saber o que isso significa; somos cibernéticos, somos twiteiros e blogueiros, mas não passamos disso. E, se não formos muito equilibrados, vamos nos transformar em hackers, e o mundo que exploda.

Sobre a sensação de onipotência que esse mundo novo nos confere, lembro a história deliciosa do aborígene que, contratado para guiar o cientista carregado de instrumentos refinados, disse-lhe: “Você e sua gente não são muito espertos, porque precisam de todas essas ferramentas simplesmente para andar no mato e observar os animais”.

Não vamos regredir: a civilização anda segundo seu próprio arbítrio. Mas, como quase todas as coisas, seus produtos criam ambiguidade pelo excesso de aberturas e pelo receio diante do novo, que precisa ser domesticado, para

se tornar nosso servo útil. As possibilidades do mundo virtual são quase infinitas. Sua sedução é intensa. Tão enganador quanto fascinante, no que tange à comunicação. Imenso, variado, assustador, rumoroso, ameaçador e frio, porque impessoal. Nesse mundo difuso, somos quase onipotentes, sem maior responsabilidade, pois cada ação nem sempre corresponde a uma consequência – e ainda podemos nos esconder no anonimato. Criam-se sérias questões morais e éticas não resolvidas nesse território: através da mesma ferramenta que nos abre universos e nos comunica com o outro, caluniamos e somos caluniados, ameaçamos e somos ameaçados, nos despersonalizamos, nos entregamos a atividades estranhas, algumas perversas; espiamos, espreitamos, maldizemos amigos e desconhecidos, odiamos celebridades, cortamos a cabeça de quem se destaca porque se torna objeto de inveja e ressentimento, escutamos mensagens sombrias e cumprimos, talvez, ordens sinistras.

Relacionamentos pessoais começam e terminam, bem ou mal, nesse campo virtual – não muito diferente do mundo dito real, dos bares, festas e trabalho, faculdade e escola. Para as crianças, esse universo extenso e invasivo pode ser uma grande escola, um mestre inesgotável, um salão de jogos divertido em que elas imediatamente se sentem à vontade, sem os limites dos adultos. Mas pode ser a estrada dos pedófilos, a alcova dos doentes, ou a passagem sobre o limite do natural e lúdico para o obsessivo e perverso.

Como quase tudo neste mundo nosso, duplo é o gume: comunicar-se é positivo, mas sinais feitos na sombra, sem verdadeiro nome nem rosto, podem acabar em fantasmáticas perseguições e males. Singularmente, mas de maneira muito significativa, enquanto estamos velozes e espertos no computador, criando mundos virtuais, e jogando jogos cada vez mais complexos, buscamos o nevoeiro desse anonimato e, na época das maiores inovações, curtimos voar com bruxos em suas vassouras, namorar vampiros e inventar avatares que vão de engraçados a sinistros.

Estimulante, múltiplo, tão rico, resta saber o que vamos fazer nesse novo mundo – ou o que ele vai fazer de nós. Quando soubermos, estaremos afixados nele como borboletas presas com alfinete debaixo da tampa de vidro ou vaga-lumes em potes de geleia vazios, naquelas noites de verão quando a infância era apenas aquela, inocente, que ainda espia sobre nossos ombros.

(Revista *Veja*, 17 de fevereiro de 2010)

01 (EPCAR) De acordo com o texto, a tecnologia

- (A) ao manter o anonimato, resguarda a integridade de seus usuários.
- (B) é um instrumento capaz de resolver sérias questões no campo da ética e da moral.
- (C) ainda é um grande mistério para seus usuários, que a usam em intensidade, mas não sabem o que é.
- (D) oferece possibilidades infinitas de tornar seus usuários onipotentes e mais sábios.

Solução: Letra C.

- (A) O anonimato não resguarda a integridade dos usuários da internet, ao contrário, escondidos no anonimato “caluniamos e somos caluniados, ameaçamos e somos ameaçados, logo ofendemos e somos ofendidos em nossa integridade.”
- (B) O texto fala justamente o contrário quando diz “Criam-se sérias questões morais e éticas não resolvidas nesse território.”
- (C) O 2º parágrafo justifica esta alternativa como a correta em que diz “O que mais vem por aí, quanto podemos lidar com essas novidades, sem saber direito quais são as positivas, quanto servem para promover progresso ou para nos exterminar (...). Exageradamente entregues(...) que exploda.” (2º parágrafo). O texto não dá subsídios para se afirmar que o uso da internet oferece infinitas possibilidades de tornar seus usuários onipotentes e mais sábios. Quando muito afirma que “... Nesse mundo difuso somos quase onipotentes.”

02 (EPCAR) Assinale a alternativa em que o trecho apresentado traduz um aspecto positivo em relação à tecnologia:

- (A) “... somos cibernéticos, somos twitteiros e blogueiros, mas não passamos disso.”
- (B) “... estamos velozes e espertos no computador, criando mundos virtuais, e jogando jogos cada vez mais complexos...”
- (C) “... seus produtos criam ambiguidade pelo excesso de aberturas e pelo receio diante do novo...”
- (D) “Nesse mundo difuso, somos quase onipotentes, sem maior responsabilidade, pois cada ação nem sempre corresponde a uma consequência...”

Solução: Letra B.

- (A) A oração introduzida pelo conectivo *mas* demonstra um outro lado para o dito na oração anterior. Esse outro lado seria o negativo. Não se passa disso. Não há possibilidade de evolução, de crescimento, de ser outra coisa senão cibernéticos, twitteiros, blogueiros.
- (B) Segundo o texto, o fato de estar mais veloz e esperto no computador, podendo criar mundos virtuais e sendo capaz de jogar jogos cada vez mais complexos é um fator positivo dessa era tecnológica em que nos encontramos.
- (C) A ambiguidade não é positiva, pois ao mesmo tempo em que há um excesso de aberturas, há também o receio diante do novo. Não há certeza, não há segurança. Segundo o texto, isso não é um aspecto positivo em relação à tecnologia.

- (D) O fato de se sentir quase onipotente não desperta responsabilidade pelos atos cometidos, já que a consequência deles nem sempre aparece. Segundo o texto, isso não é positivo, pois criará sérias questões morais e éticas.

03 (EPCAR) Segundo o texto, é **incorreto** afirmar que:

- (A) o anonimato permite a coexistência de múltiplas identidades na internet.
- (B) a comunicação virtual pode gerar perseguições e males.
- (C) as novidades tecnológicas trazem inúmeras possibilidades tanto positivas quanto negativas.
- (D) nesse mundo pós-moderno, as pessoas se isolam em seus mundos virtuais.

Solução: Letra D.

- (A) A coexistência de diversas identidades escondidas sob o anonimato aparece no trecho: “(...) nesse mundo difuso, somos quase onipotentes, sem maior responsabilidade (...) e ainda podemos nos esconder no anonimato.”
- (B) Essa afirmativa aparece no trecho: “(...) comunicar-se é positivo, mas sinais feitos na sombra, sem verdadeiro nome nem rosto, podem acabar em fantasmáticas perseguições e males.”
- (C) No segundo parágrafo, a tecnologia é abordada como algo que promove progresso ou o nosso extermínio. A leitura global do texto confirma essa dualidade.
- (D) O isolamento das pessoas em mundos virtuais é uma informação que extrapola o texto.

04 (EEAR) Observe as frases:

- I. Os riachos pareciam sussurrar palavras de amor.
- II. No horizonte, espreita-nos o caos.
- III. Abriam todas as janelas que havia no mundo.
- IV. Após a tempestade, calaram-se finalmente os céus.

Pode-se afirmar que a figura de linguagem prosopopeia aparece apenas nas seguintes frases:

- (A) I, II e III.
- (B) I, II e IV.
- (C) III e IV.
- (D) I e II.

Solução: Letra B.

Às palavras *riachos*, *caos* e *céu* foram atribuídas características de seres animados ou características humanas: “*Os riachos pareciam sussurrar palavras de amor.*” / “*No horizonte, espreita-nos o caos.*” / “*Após a tempestade, calaram-se finalmente os céus.*”. E, na terceira frase, há um exagero na afirmação (hipérbole): “*Abriam todas as janelas que havia no mundo.*”.

05 (EEAR) A figura de linguagem presente no período “Querida, queria gritar setecentas mil vezes / Como são lindos, como são lindos os burgueses...!” classifica-se como:

- (A) prosopopéia.
- (B) hipócrise.
- (C) antítese.
- (D) catacrese.

Solução: Letra B.

A expressão *setecentas mil vezes* é um exagero intencional; trata-se, portanto, de uma hipócrise.

EXERCÍCIOS NÍVEL 1

01 (EPCAR) Os excertos abaixo apresentam figuras de estilo. Leia-os atentamente e, depois, relacione a segunda coluna com a primeira. (Cada número pode ser usado apenas uma vez.)

1ª Coluna

- 1 - “Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal.”
- 2 - “O dia nascia atrás dos quintais
As pensões alegres dormiam tristíssimas
As casas também iam bêbadas.”
- 3 - “O primeiro milhão possuído,
excita, acirra, assanha
a gula do milionário.”
- 4 - “Moça linda bem tratada,
Três séculos de família,
Burra como uma porta;
Um amor.”
- 5 - “Beijaria até uma caveira
Se espumante o Madeira ali corresse.”

2ª coluna

- () Prosopopeia
- () Gradação
- () Ironia
- () Metonímia
- () Metáfora

Assinale a alternativa que apresenta a seqüência correta.

- (A) 4 – 2 – 3 – 1 – 5
- (B) 2 – 5 – 3 – 4 – 1
- (C) 4 – 1 – 5 – 2 – 3
- (D) 2 – 3 – 4 – 5 – 1

Leia o fragmento abaixo para responder às questões 02 e 03.

Todo camburão tem um pouco de navio negroiro

é mole de ver
que para o negro
mesmo a AIDS possui hierarquia
na África a doença corre solta
e a imprensa mundial
dispensa poucas linhas
comparado, comparado
ao que faz com qualquer
figurinha do cinema
comparado, comparado
ao que faz com qualquer
figurinha do cinema
ou das colunas sociais

todo camburão tem um pouco de navio negroiro
todo camburão tem um pouco de navio negroiro

(O Rappa/Marcelo Yuka)

02 (EPCAR) Entre os recursos expressivos empregados no texto só NÃO ocorre:

- (A) repetição.
- (B) prosopopeia.
- (C) paradoxo.
- (D) ironia.

03 (EPCAR) Considerando as ideias e estruturas do texto, assinale a alternativa correta.

- (A) A palavra **negreiro** não pode ser substituída pela expressão **de negros**, pois, dessa forma, perde a correção gramatical.
- (B) O poema dialoga com o texto de Castro Alves, fazendo uma progressão temporal.
- (C) Ao referir-se à AIDS, o eu-lírico atribui ao negro a condição de multiplicador.
- (D) A expressão **tem um pouco** de possui o mesmo significado que **e tal qual um**.

Congresso Internacional do Medo

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

(Carlos Drummond de Andrade)

04 (EPCAR) Dentre as alternativas abaixo, assinale a que apresenta apenas recursos estilísticos utilizados no poema **Congresso Internacional do Medo**.

- (A) Ironia, personificação, antítese.
- (B) Anacoluto, sinquise, paradoxo.
- (C) Metonímia, personificação, hipérbato.
- (D) Comparação, paradoxo, repetição.

O avião

Quisera ser um ás para voar bem alto
sobre a cidade de meu berço!
Bem mais alto que os lamentos bronze
Das catedrais *catalépticas*;

Muito rente do azul quase a sumir no céu
Longe da casaria que diminui
Longe, bem longe deste chão de asfalto...

Eu quisera pairar sobre a cidade!...

O motor cantaria
No anfiteatro azul *apainelado*
A sua roncante sinfonia...
Oh! voar sem pousar no espaço que se estira
Meu, só meu;
Atravessando os ventos assombrados
Pela minha ousadia de subir
Até onde só eles atingiram!...

Girar no alto
E em rápida descida
Cair em *torvelinhos*
Como ave ferida...

Dar cambalhotas repentinas
Loopings fantásticos
Saltos mortais
Como um atleta elástico de aço

O ranger rascante do motor...
No anfiteatro com painéis de nuvens
Tambor...

Se um dia
O meu corpo escapasse do aeroplano,
Eu abriria os braços com ardor
Para o mergulho azul na tarde transparente...
Como seria semelhante
A um anjo de corpo desfraldado
Asas abertas, precipitado
Sobre a terra distante...

Riscando o céu na minha queda brusca
Rápida e precisa,
Cortando o ar em êxtase no espaço
Meu corpo cantaria
Sibilando
A sinfonia da velocidade

E eu tombaria
Entre os braços abertos na cidade...

Ser aviador para voar bem alto!

(ARANHA, Luis. *Cocktails*. Org. por Nelson Ascher e Rui Moreira Leite. }
São Paulo, Brasiliense, 1984. p. 95-6.)

05 (EPCAR) Observe as palavras destacadas nos seguintes versos:

“Atravessando **os ventos assombrados** / Pela minha ousadia de subir”
“Cair em **torvelinhos** / **Como ave ferida**...”

Como procedimento estilístico, têm-se, respectivamente,

- (A) metáfora e hipérbole.
- (B) metáfora e metonímia.
- (C) prosopopeia e metáfora.
- (D) prosopopeia e comparação.

06 (AFA) Leia os trechos abaixo transcritos.

- I. “Um dia hei de ir embora
Adormecer no derradeiro sono...” (eufemismo)
(Manuel Bandeira)
- II. “O inútil choro das tristes águas
Enche de mágoas a solidão...” (prosopopeia)
(Vicente de Carvalho)
- III. “Não basta inda de dor, ó
Deus terrível?” (preterição)
(Castro Alves)
- IV. “Na chácara abandonada
O velho poço olha a lua
Suspensa no ar, e toda
Noite com a sua visão
Na água retratada
Leva a sonhar...” (prosopopeia)
(Alberto de Oliveira)

Em relação às figuras de estilo, pode-se dizer que a correspondência está correta em:

- (A) I, II, III e IV.
- (C) II, III e IV somente.
- (B) I, II e IV somente.
- (D) I e II somente.

07 (AFA) Associe as colunas e, a seguir, assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

- 1. Metáfora.
 - 2. Antítese.
 - 3. Paradoxo.
 - 4. Hipérbole.
 - 5. Prosopopeia.
- () “...porque outro mar mais copioso
Largando de meus olhos a corrente,
Lhe formará meu pranto saudoso.”
(Jacinto Freire de Andrade)
 - () “O prazer com a pena se embaraça;
Porém quando um com outro mais porfia,
O gosto corre, a dor apenas passa.”
(Gregório de Matos)
 - () “Se és fogo, como passas brandamente?
Se és neve, como queima com porfia?”
(Gregório de Matos)
 - () “Agora que se cala o surdo vento
E o rio enternecido com meu pranto
Detém seu vagaroso movimento...”
(Francisco Rodrigues Lobo)
 - () “Ardor em firme coração nascido;
Pranto por belos olhos derramado;
Incêndio em mares de água disfarçado;
Rio de neve em fogo convertido.”
(Gregório de Matos)

- (A) 5, 2, 3, 4, 1.
- (B) 4, 2, 1, 5, 3.
- (C) 2, 3, 4, 5, 1.
- (D) 3, 5, 1, 2, 4.

Anáfora

É a repetição de palavra ou expressão no início de cada verso em sequência.

Ex.: “É preciso casar João,
É preciso suportar Antônio,
É preciso odiar Melquíades,
É preciso substituir nós todos.”

(Drummond)

Pleonasma

É a repetição de um termo sintático ou de uma ideia.

Ex.: “Vi claramente o visto lume vivo.”

(Camões)

“Cada qual busca salvar-se a si próprio...”

(Herculano)

Polissíndeto

É a repetição enfática do conectivo.

Ex.: “Suspira, e chora, e geme, e sofre, e sua...”

(Olavo Bilac)

Obs.: A omissão do conectivo que normalmente seria empregado é denominada assíndeto.

Ex.: Veio à cidade, falou com o gerente, partiu.

Reiteração ou Epizeuxe

É a repetição de vocábulos.

Ex.: Fez uma jogada linda linda linda o atacante.

Hipérbato

É a inversão da ordem natural dos termos da oração, criando o que se chama de ordem indireta.

Ex.: “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante.”

(Hino Nacional)

Obs.: A inversão muito grande (que prejudica o entendimento da mensagem) chama-se sínquise.

Ex.: “Enquanto mandas as ninfas amorosas grinaldas nas cabeças pôr de rosas.”

(Camões)

Anástrofe

É a anteposição de um termo preposicionado ao seu núcleo.

Ex.: Das flores o perfume era aspirado por todos.

Quiasmo

É o tipo de construção bimembre em que os elementos se cruzam, formando uma sequência do tipo: AB BA.

Ex.: “E zumbia e voava e voava e zumbia.”

(Machado de Assis)

Anacoluto

É a interrupção da construção iniciada, prosseguindo a frase de outra maneira. Como resultado, o início, que se apresenta desligado logicamente, antecipa uma ideia importante e lhe dá realce.

Ex.: “Os três reis orientais, ... é tradição da igreja que um era preto.”

(Vieira)

“Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura.”

(M. Bandeira)

Hipálage

Aplica-se a um substantivo um adjetivo que corresponde a outro substantivo.

Ex.: As senhoras costuravam meias cansadas.

Elipse

É a omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: No céu, muitas estrelas. (há, existem)

Obs.: Quando omitimos um termo que anteriormente já fora expresso, no mesmo período, a elipse pode ser chamada de Zeugma.

Ex.: “O colégio compareceu fardado; a diretoria, de casaca.”

(Raul Pompéia)

Epístrofe

É a repetição de palavra ou expressão no final de frases ou versos seguidos ou próximos.

Ex.: “o dia não veio
o bonde não veio
o riso não veio”

(Drummond)

Silepse

É a concordância que se faz com a ideia subentendida, não com a palavra expressa. É, aparentemente, uma discordância. A silepse pode dar-se no gênero, no número ou na pessoa.

I. Silepse do gênero:

Ex.: O bebê foi dormir. Estava cansado.
Moramos na agitada São Paulo.

II. Silepse de número:

Ex.: “Esta gente está furiosa e com medo; por consequência, capazes de tudo.”

(Garrett)

“Povoaram os degraus muita gente de sorte.”

(Camilo)

III. Silepse de pessoa:

Ex.: “Os portugueses somos do Ocidente ...”

(Camões)

“ Todos os filhos de Adão padecemos nossas mutilações e fealdades.”

(Bernardes)

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

Rebento

Gilberto Gil

Rebento, substantivo abstrato,
O ato, a criação, o seu momento,
Como uma estrela nova e seu barato
Que só Deus sabe lá no firmamento.

Rebento, tudo que nasce é rebento,
Tudo que brota, que vinga, que medra,
Rebento raro como flor na pedra,
Rebento farto como trigo ao vento.

Outras vezes rebento simplesmente
No presente do indicativo,
Como a corrente de um cão furioso,
Como as mãos de um lavrador ativo.

Às vezes, mesmo perigosamente,
Como acidente em forno radioativo,
Às vezes, só porque fico nervoso,
Às vezes somente porque estou vivo.

Rebento, a reação imediata
A cada sensação de abatimento.
Rebento, o coração dizendo “bata”,
A cada bofetão do sofrimento.
Rebento, esse trovão dentro da mata
E a imensidão do som desse momento.

01 (EEAR) Com base na leitura do texto, assinale a alternativa correta:

- (A) A palavra rebento recebe várias definições no texto, considerando seu valor como substantivo e como verbo.
- (B) O autor analisa a palavra rebento observando apenas o seu sentido denotativo.
- (C) O autor analisa a palavra rebento observando apenas o seu sentido conotativo.
- (D) A palavra rebento é analisada apenas como um substantivo.

Solução: Letra A

O texto inicia-se com o verso “Rebento, substantivo abstrato”, uma definição denotativa e morfológica para a palavra “rebento”. O ato, a criação, o seu momento são substantivos que sustentam essa ideia, que é considerada até o final da segunda estrofe. Na terceira estrofe, o autor passa a analisar a palavra “rebento” como um verbo: “Outras vezes(eu) rebento simplesmente no presente do indicativo”, “Às vezes, só porque

fico nervoso,(eu) rebento”. Portanto, a palavra rebento é apresentada no texto considerando-se o seu valor como substantivo e como verbo. Além de analisar a palavra denotativamente, quando define rebento como um substantivo abstrato, o autor utiliza recursos conotativos por meio de comparações: Como uma estrela nova e seu barato, como a corrente de um cão furioso, como acidente em forno radioativo, além de mostrar os diversos sentidos que a palavra adquire no texto.

02 (EEAR) Em qual dos versos abaixo a palavra rebento foi empregada no sentido de “reagir, tomar uma atitude”?

- (A) Tudo o que nasce é rebento.
- (B) Rebento raro como flor na pedra.
- (C) Rebento farto como trigo ao vento.
- (D) Rebento, o coração dizendo: Bata! A cada bofetão do sofrimento.

Solução: Letra D

Considerando as diversas definições que o autor dá para a palavra rebento, a única alternativa em que ela adquire o sentido de “reagir, tomar uma atitude” é a D. (Rebento, o coração dizendo: reaja, tome uma atitude! A cada bofetão do sofrimento.) Nas outras alternativas, rebento significa surgir, desabrochar.

03 (EEAR) Relacione os versos abaixo enumerados aos que se colocam à disposição logo a seguir, considerando a correspondência de sentido entre eles. Depois, assinale a alternativa correta.

- I- “Rebento, tudo que nasce é rebento,”
- II- “Tudo (...) que medra,”
- III- “(Rebento) Como acidente em forno radioativo.”
- IV- “... rebento simplesmente/No presente do indicativo,”

- () “Rebento farto como trigo ao vento.”
- () “(Rebento) Como uma estrela nova e seu barato”
- () “(Rebento) Às vezes, mesmo perigosamente,”
- () “(Rebento) Às vezes somente porque estou vivo.”

- (A) II, I, III, IV
- (B) I, IV, III, II
- (C) III, I, IV, II
- (D) II, III, IV, I

Solução: Letra A

O verso demarcado como I define o substantivo rebento: aquilo que nasce. Trata-se de constatação de um fato, como acontece em “(Rebento) Como uma estrela nova e seu barato” – uma estrela nova é rebento, é criação. O adjetivo nova é o responsável por nos esclarecer de que se fala de algo que não existia antes. A ausência de tal adjetivo modificaria o sentido do verso. Por isso, fala-se do surgimento de uma estrela e não de seu crescimento – ideia expressa pelo verbo medrar (verso II) – que não significa nascer, brotar, e sim crescer vegetando, prosperar, aumentar, desenvolver-se, ganhar corpo, manifestar-se com êxito, melhorar. Então, o verso diz que tudo o que cresce e prospera, aumenta, é rebento (substantivo).

Entre os versos a serem enumerados, o único que apresenta essa ideia é “Rebento farto como trigo ao vento.” – o trigo cresce, desenvolve-se, aumenta em quantidade e qualidade.

O verso III apresenta rebento como verbo (Eu rebento – verbo rebentar), com as acepções seguintes: explodir, estourar. Considerar a explosão em ‘forno radioativo’ significa considerar uma forma perigosa de explosão (acidente), metafórica ou denotativamente falando. Temos, ainda, a conjunção comparativa como criando o vínculo entre os versos que se apresentam em sequência no texto – a comparação valida a afirmação. O verso quatro aponta para a ideia de que a vida impele-nos à ação – por isso “rebento simplesmente/No presente do indicativo.”. Essa concepção vai ao encontro de “Às vezes somente porque estou vivo.”: porque estou vivo, rebento (em todas as suas acepções) – 1ª pessoa do presente do indicativo, verbo intransitivo.

04 (EEAR) Com relação ao texto, é **incorreto** afirmar que:

- (A) desenvolve, em sua totalidade, idéia de ciclo entre vida e morte, como bem ilustra o verso “Tudo que brota, que vinga, que medra.”.
 (B) torna-se rico em imagens poéticas devido à possibilidade de se explorar morfológica e sintaticamente o termo rebento.

- (C) predominam em suas construções a idéia de superação, força, coragem, como confirma o verso “Rebento raro como flor na pedra”.
 (D) representa circunstâncias da vida humana, das mais comuns às mais raras, os momentos de nascimento, explosão, superação, evolução, sofrimento, transformação.

Solução: Letra A

Não se pode afirmar que o texto esteja centrado na ideia de ciclo, numa sequência de ações determinadas entre nascimento e morte. Noções de explosão violenta, estouro, sofrimento, contidas nos versos da terceira estrofe, não necessariamente nos conduzem à ideia de morte, de fim, mas à de transformação. Isso, aliás, contradiz a noção de superação, força, coragem – essa, sim, foco central do texto –, como se observa na alternativa C, e considerando-se, ainda, os demais versos, os quais não obedecem a uma ordem predeterminada, mas aleatória (alternativa D). É também correto dizer que o olhar morfológico e sintático permite a riqueza poética do texto, conforme o que se apresenta em B.

EXERCÍCIOS NÍVEL 1

01 (EPCAR) A correlação entre os excertos abaixo e a respectiva figura de estilo está **INCORRETA** em:

- (A) “Vai te entregar
Vai te estragar
Vai te enforçar” **Anáfora**
 (B) “Parte tranquilo, ó irmão” **Apóstrofe**
 (C) “Passa o domingo em família
Segunda-feira beleza
Embarca com alegria,
Na correnteza” **Eclipse**
 (D) “Prepara o teu documento
Carimba o teu coração
Não perde nem um momento
Perde a razão
Pode esquecer a mulata” **Hipérbato**

02 (EPCAR) Leia a estrofe abaixo, de Alberto de Oliveira.

“Lícias, pastor — enquanto o sol recebe,
Mugindo, o manso armento e ao lago espraia,
Em sede abrasa, qual de amor por Febe,
Sede também, sede maior desmaia.”

Nela se verifica:

- (A) hipérbole. (C) sínquise.
 (B) anacoluto. (D) concatenação.

03 (EPCAR)

“Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo.
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante.
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda”.

Observando os versos acima, percebe-se a presença de uma figura de linguagem cujo propósito é intensificar o drama vivido pelo eu lírico. A essa figura dá-se o nome de:

- (A) pleonasma.
 (B) eco.
 (C) anáfora.
 (D) assíndeto.

04 (AFA) Ao lado de cada estrofe abaixo, foi indicada uma figura de linguagem nela presente. Assinale a opção cuja figura **NÃO** está corretamente associada.

- (A) “Santa Clara, padroeira da televisão, que a televisão não seja o inferno, interno, ermo” – **Apóstrofe**
 (B) “A saudade abraçou-me, tão sincera soluçando no adeus de nunca mais” – **Pleonasma**
 (C) “E as borboletas sem voz dançavam assim veludosamente – **Sinestesia**
 (D) “Provisoriamente não cantaremos o amor que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos” – **Prosopopeia**.

05 (ITA)

É terminantemente proibido animais circulando nas áreas comuns a todos, principalmente para fazerem suas necessidades fisiológicas no jardim do condomínio, onde pode por em risco a saúde das crianças que ali brincam descalças.

(Extraído de um Relatório de prestação de contas da administração de um prédio).

Assinale a opção que apresenta as figuras de linguagem presentes no texto:

- (A) pleonasma e eufemismo.
 (B) metonímia e eufemismo.
 (C) pleonasma e polissíndeto.
 (D) pleonasma e metonímia.
 (E) eufemismo e polissíndeto.

“O termo **gênero** é utilizado, nas diferentes formas de arte, para denominar um conjunto de obras que apresentam características semelhantes de forma e conteúdo.

A primeira tentativa de organizar a produção literária de acordo com as características das obras foi feita por Aristóteles, na Antiguidade Clássica.

A divisão aristotélica de gêneros baseia-se em dois critérios: o conteúdo e a forma assumida pela narração. Quanto ao conteúdo, o filósofo grego identificou três focos de atenção da obra: as paixões e os comportamentos humanos. Quanto à forma, identificava como dramático o texto no qual não havia um narrador, apenas a atuação das personagens, e como épico, o texto no qual o poeta narrador fala diretamente ou por meio de uma personagem. Aristóteles não trata especificamente da produção lírica.

No Renascimento, a grande valorização da poesia da poesia lírica, desencadeada pela produção de Petrarca e seus seguidores, consolidou o estabelecimento de três categorias básicas ou gêneros literários: o **épico**, o **lírico** e o **dramático**. Essa classificação continua sendo usada em nossos dias.”

(ABAURRE, Maria Luiza M. & PONTARA, Marcela. *Literatura Brasileira – Tempos, Leitores e Leituras*. São Paulo, Moderna, 2005.)

Lírico

- O gênero lírico está presente em textos em que um “eu lírico” (a voz que fala no poema) exprime suas emoções, ideias e impressões ante o mundo exterior.
- Normalmente os pronomes e os verbos estão em 1ª pessoa e há o predomínio da função emotiva da linguagem.
- A palavra lírico origina-se de lira, instrumento musical muito utilizado pelos gregos a partir do século VII a.C. Chamava-se lírica a canção que se entoava ao som da lira. Havia, portanto, entre o som e a palavra uma junção que perdurou até o século XV, quando os poemas se distanciaram da música e passaram a ser lidos ou declamados.
- Ao separar-se o texto do acompanhamento musical, a poesia passou a apresentar uma estrutura mais rica. A partir daí, a métrica (a medida de um verso, definida pelo número de sílabas poéticas), o ritmo das palavras, a divisão em estrofes, a rima, a combinação das palavras passaram a ser mais intensamente cultivados pelos poetas.

Tipos de textos líricos

- **soneto**: composição poética de 14 versos distribuídos em dois quartetos e dois tercetos. Apresenta sempre métrica – mais usualmente, versos decassílabos (dez sílabas poéticas) e versos alexandrinos (doze sílabas poéticas) – e rima;
- **ode** e **hino** – os dois vêm da Grécia e significam “canto”. Ode é uma poesia entusiástica, de exaltação. Hino é a poesia destinada a glorificar a pátria ou louvar divindades;
- **elegia** – é uma poesia lírica que fala de acontecimentos tristes ou da morte de alguém;
- **idílio** e **écloga** – ambas são poesias bucólicas, pastoris. A écloga difere do idílio por apresentar diálogo;
- **epitalâmio** – poesia feita em homenagem às núpcias de alguém;
- **sátira** – poesia que censura os defeitos humanos, mostrando o ridículo de determinadas situações.

Ex.:

“Ardo de desejo na tarde que arde!
Oh, como é belo dentro de mim
Teu corpo de ouro no fim da tarde:
Teu corpo que arde dentro de mim
Que ardo contigo no fim da tarde”

(Manuel Bandeira)

Atenção para as figuras de sonoridade:

- **ALITERAÇÃO**: é a repetição de um fonema consonantal.

Ex.: “Branças **bacantes** **bêbadas** o **beijam**”

(Augusto dos Anjos)

- **ASSONÂNCIA**: é a repetição de um fonema vocálico.

Ex.: “O Formas **alvas**, **brancas**, Formas **claras**”

(Cruz e Sousa)

- **PARANOMÁSIA**: é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou no som.

Ex.: “Como um eco que vem na aragem
A **estrugir**, **rugir** e **mugir**,
O lamento das quedas d’-água!”

(Manuel Bandeira)

- **ONOMATOPEIA**: são palavras imitativas, isto é, palavras que procuram reproduzir aproximadamente certos sons.

Ex.: **Tique-taque, tique-taque, tique-taque...** O relógio costurava as horas dentro da noite.

- **PARALELISMO**: é a repetição de palavras ou expressões que se correspondem.

Ex.:

“Mas **é preciso** ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca,
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria.”

Épico

- Os longos poemas narrativos, em que um acontecimento histórico protagonizado por um herói é celebrado em estilo solene, grandioso, são chamados de épicos ou epopeias.
- A palavra *epopeia* vem do grego *épos*, “verso”, + *poieô*, “faço”, e se refere à narrativa, em forma de versos, de um fato grandioso e maravilhoso que interessa a um povo.
- É uma poesia objetiva, impessoal, cuja característica maior é a presença de um narrador falando do passado (os verbos aparecem no pretérito).
- O tema do texto épico normalmente é um episódio heróico da história de um povo.
- Nos textos épicos, predomina a função referencial da linguagem.

Algumas epopeias (ou poemas épicos) importantes:

- *Iliada* e *Odisseia* (Homero, Grécia; narrativas sobre a guerra entre Grécia e Troia);
 - *Eneida* (Virgílio, Roma; narrativa dos feitos romanos);
 - *Caramuru* (Santa Rita Durão, Brasil);
 - *Paraíso Perdido* (Milton, Inglaterra);
 - *Orlando Furioso* (Ludovico Ariosto, Itália);
 - *Os Lusíadas* (Camões, Portugal);
 - *O Uruguai* (Basílio da Gama, Brasil)
- As epopeias são poemas de forma fixa, geralmente em versos de tamanhos regulares (de dez ou doze sílabas), em estrofes grandes (geralmente de oito ou doze versos). Elas se dividem em:
 - **exórdio** ou **proposição** – uma introdução em que são apresentados o herói e o tema;
 - **invocação** – um pedido de inspiração às musas da poesia;
 - **dedicatória** – o poema é dedicado a alguém: um rei, um protetor, um povo;
 - **narração** – os fatos são narrados com ênfase nas peripécias do herói e nos acontecimentos históricos, sendo a parte mais ampla da epopeia;
 - **epílogo** – fechamento da epopeia, geralmente com a consagração dos heróis.

Ex.:

“Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se levanta.”

(*Os Lusíadas* - Camões)

Dramático

- Trata-se do texto escrito para ser encenado no teatro.
- O texto dramático geralmente se desenrola a partir de diálogos, com uma sequência de cenas e de relações de causa e efeito.
- Não há um narrador contando a história. Ela se desenvolve no palco, sendo representada por atores, que assumem os papéis das personagens.
- Drama, em grego, significa “ação”, o que caracteriza o gênero dramático a partir importância dada à representação dos personagens.
- Nos textos dramáticos, predomina a função conativa da linguagem.

Tipos de textos dramáticos

- **tragédia** – representação de um fato trágico, suscetível de provocar compaixão e terror. Aristóteles afirmava que a tragédia era “uma representação duma ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem figurada, com atores agindo, inspirando dó e terror”;
- **comédia** – representação de um fato inspirado na vida e no sentimento comum, de riso fácil, em geral criticando os costumes. Sua origem está ligada às festas populares gregas de celebração à fecundidade da natureza;
- **tragicomédia** – modalidade em que se misturam elementos trágicos e cômicos. Originalmente, significava a mistura do real com o imaginário.
- **farsa** – pequena peça teatral, de caráter ridículo e caricatural, que critica a sociedade e seus costumes; baseia-se no lema latino *Ridendo castigat mores* (“Rindo, castigam-se os costumes”).
- **auto** – peça que mistura componentes religiosos com satíricos.

Ex.:

JOÃO GRILO: Jesus?
MANUEL: Sim.
JOÃO GRILO: Mas, espere, o senhor é que é Jesus?
MANUEL: Sou.
JOÃO GRILO: Aquele Jesus a quem chamam Cristo?”

(*Auto da Compadecida* – Ariano Suassuna)

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

A Bomba Atômica – (trecho)

(Marcus Vinícius M. Moraes)

“A bomba atômica é triste
Coisa mais triste não há
Quando cai, cai sem vontade
Vem caindo devagar
Tão devagar vem caindo
Que dá tempo a um passarinho
De pousar nela e voar...
Coitada da bomba atômica
Que não gosta de matar!

Coitada da bomba atômica
Que não gosta de matar
Mas que ao matar mata tudo
Animal ou vegetal
Que mata a vida da terra
E mata a vida do ar
Mas que também mata a guerra...”

Bomba atômica que aterra!
Bomba atômica da paz!

Pomba tonta, bomba atômica
Tristeza, consolação
Flor puríssima do urânio
Desabrochada no chão
Da cor pálida do hélio
E odor de rádio fatal
Loelia mineral carnívora
Radiosa rosa radical.

Nunca mais, ó bomba atômica
Nunca, em tempo algum, jamais
Seja preciso que mates
Onde houver morte demais:
Fique apenas tua imagem
Aterradora miragem
Sobre as grandes catedrais:
Guarda de uma nova era
Arcanjo insigne da paz!”

Vocabulário:**urânio, hélio, rádio:** elementos químicos**loelia:** minério**insigne:** célebre, notável

01 (EEAR) Pode-se dizer que, pelo processo de personificação, o texto objetiva:

- (A) redimir a bomba atômica de seu papel de grande vilã na história do homem.
- (B) ironizar as ações do homem ao transformar a bomba atômica em "coitada".
- (C) criticar o papel destrutivo que a ciência ocupa na história em geral.
- (D) fazer uma apologia aos tempos de paz, por meio de condenação expressa à bomba atômica.

Solução: Letra A.

Ao personificar a bomba atômica, percebe-se a intenção clara do autor de mostrar que a bomba 'não quer matar', mas é acionada; a 'vontade' de matar está em quem a comanda. Desse modo, a escolha do recurso de personificação aponta para a busca de um agente, de um sujeito de vontade – que, no caso, não é a bomba. O texto não tem conotação de ironia; ao contrário, percebe-se nele o tom do emocional. Também não faz crítica à ciência, pois não é ela o sujeito de vontade, como também não assume somente papel destrutivo. Por último, não há sentenciamento, condenação à bomba; essa ideia é oposta à ideia da alternativa correta.

02 (EEAR) A terceira estrofe apresenta uma elaboração poética que:

- (A) celebra a paixão do homem pelas descobertas científicas, cada vez mais maravilhosas.
- (B) exalta ao mesmo tempo em que critica o grande feito do homem, o que se percebe pelos substantivos e adjetivos nela utilizados.
- (C) mostra a bomba atômica em sintonia com a natureza, daí sua comparação com a flor desabrochando.
- (D) busca e valoriza a essência energética contida na gênese da bomba atômica.

Solução: Letra B.

Ao mesmo tempo em que se percebe na estrofe uma linguagem de exaltação, de celebração – flor puríssima, radiosa rosa radical, consolação, nota-se também o contraponto do que não é celebração, por meio da seleção vocabular: pomba tonta, tristeza, cor pálida, odor de rádio, fatal, carnívora. É exatamente esse paradoxo que não nos autoriza a leitura da estrofe como apenas glorificação, ideia expressa nas demais alternativas.

03 (EEAR) A partir da leitura dos quatro primeiros versos da 4ª estrofe, pode-se inferir que:

- (A) a guerra, por si mesma, já elimina muitas vidas, o que torna a bomba atômica um artefato desnecessário.

- (B) o processo natural da vida já inclui a morte, sendo, pois, a bomba um recurso inútil.
- (C) a raça humana, em todos os tempos, já é produtora competente de 'processos de morte'.
- (D) os efeitos da bomba, por mais aterradores que sejam, não superam o medo que o homem tem da morte.

Solução: Letra C.

Ao eleger a bomba como seu interlocutor – e personificá-la –, o poeta continua direcionando-se ao sujeito de vontade, que é o controlador da bomba: o homem. Assim, a expressão morte demais volta-se para as ações desse sujeito, pois engloba a ideia do que está para além de um processo natural de morte. Os versos em questão trazem um apelo: que a bomba não mate onde houver morte demais – nunca, em tempo algum, jamais. A colocação desses adjuntos adverbiais de tempo elimina a possibilidade de que o autor se refira somente aos momentos de guerra. Um outro adjunto adverbial – demais – elimina a ideia de mortes naturais apenas, o que é reforçado pelos adjuntos de tempo: há mortes em tempo de paz, mortes em catástrofes (provocadas ou não), mortes em guerra, etc. Esses versos também não expressam a ideia do medo que o homem sente em relação à morte, como também não possuem marcas de comparação.

04 (EEAR) Os cinco últimos versos do texto mostram que:

- (A) a humanidade vive aterrorizada pela eterna ameaça de explosão da bomba atômica.
- (B) a ideia de fé como recurso redentor da humanidade, nesta nova era, precisa ser superada.
- (C) a espiritualidade e a fé suplantam a ameaça destruidora da bomba atômica.
- (D) o apreço pela paz, paradoxalmente, transfere-se da dimensão espiritual para a material, na concretização do objeto bélico.

Solução: Letra D.

A evocação às grandes catedrais refere-se à busca do homem pelo espiritual, como forma de garantia de seu equilíbrio e sua proteção. Ocorre que, em decorrência da chamada 'evolução' do homem, este se afasta desse modelo e busca seu equilíbrio na própria evolução; entretanto, tem de vigiar o que faz, porque daí mesmo pode surgir sua destruição. A bomba, o material, é maior que as grandes catedrais – porque tem o potencial da morte, não pode ser esquecida: torna-se 'guardiã' da paz. Com relação às demais alternativas: em A, não há o contraponto entre bomba e catedrais; há apenas a ideia de ameaça; em B, há desconsideração da fé, ideia que não corresponde ao que mostram os versos; em C, há a desconsideração da ameaça da bomba, o que também não corresponde ao que trazem os versos.

EXERCÍCIOS NÍVEL 1**Congresso Internacional do Medo**

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,

o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

(Carlos Drummond de Andrade)

01 (EPCAr) Analise estas afirmações sobre o texto, de Carlos Drummond.

- I. Trata-se de uma poesia, pois o texto está organizado em versos.
- II. Não há preocupação com o ritmo dos versos, o que se verifica também pela ausência de rimas.
- III. As figuras empregadas são marcas características de um texto literário.

Está(ão) correta(s):

- (A) I apenas.
- (B) I e II somente.
- (C) I e III apenas.
- (D) I, II e III.

02 (EPCAr) Relacione a 1ª coluna à 2ª, assinalando em seguida a alternativa correta:

1ª coluna

1. Gênero lírico.
2. Gênero narrativo.
3. Gênero dramático.

2ª coluna

- () “Quero vivê-lo em cada vão momento, / E em seu louvor hei de espalhar meu canto.”
- () “Ninguém — ‘Que andas tu aí buscando?’
- () “Todo Mundo — ‘Mil cousas ando a buscar’.”
- () “Casas entre bananeiras / mulheres entre laranjeiras / pomar amor cantar.”
- () “Na serra do Ibiapaba, numa de suas encostas mais altas, encontrei um jegue. Estava voltado para o lado leste...”

- | | |
|-------------------|-------------------|
| (A) 3 – 2 – 1 – 1 | (C) 2 – 1 – 1 – 3 |
| (B) 1 – 3 – 1 – 2 | (D) 3 – 2 – 3 – 1 |

03 (EPCAr) Leia, atentamente, as seguintes afirmativas sobre os gêneros literários.

- I. No gênero narrativo, o objetivo do emissor não é contar qualquer acontecimento do mundo exterior ou mesmo descrever esse mundo. Portanto, não há enredo, descrição ou personagens.
- II. No gênero dramático, o texto só alcança sua realização total quando se transforma numa peça, encenada num palco. Portanto, sua realização plena depende de duas linguagens: a verbal e a não verbal.
- III. No gênero lírico, o eu poético está centrado na sua realidade interior, já que seu propósito é expressar essa realidade. Por isso, o texto é subjetivo.

Está(ão) correta(s):

- | | |
|---------|---------------------------|
| (A) I. | (C) II e III. |
| (B) II. | (D) Todas estão corretas. |

04 (EPCAr) Leia as afirmativas abaixo e assinale, a seguir, a opção correspondente:

- I. O gênero lírico centraliza-se na 1ª pessoa, num “eu” que revela sua cosmovisão.
- II. Ritmo e musicalidade são recursos sugestivos muito importantes no gênero lírico.

- III. No gênero dramático, os acontecimentos se desenvolvem diante do espectador que desconhece o desfecho e assiste às cenas como se assistisse a fatos reais.
- IV. Na obra dramática, as personagens assumem a responsabilidade pelo desenvolver dos acontecimentos, o narrador parece estar ausente.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmativa(s):

- (A) IV somente.
- (B) I e II somente.
- (C) II e III somente.
- (D) I, II, III e IV.

05 (EPCAr) Assinale a opção em que está caracterizado o texto **não literário**.

- (A) “Stop
A vida parou
Ou foi o automóvel?”
- (B) “Opondo-se ao subjetivismo, a poesia parnasiana, dentre as formas poéticas, teve predileção pelo soneto.”
- (C) “Alice, a mais esperta das duas, tinha certa vivacidade e petulância, que revelavam a flor agreste, cheia de seiva e habilidade a se embalar ao sopro da brisa, ou a beber a luz esplêndida do sol.”
- (D) “Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço.”

06 Leia atentamente o texto seguinte, de Nelson Rodrigues:

Vestido de noiva

(Inicia-se o segundo ato. Trevas. Voz de Alaíde e Clessi ao microfone.)

CLESSI – É impossível que não tenha havido mais coisas.

ALAÍDE – (impaciente com a própria memória) – Mas não me lembro, Clessi. Estou com a memória tão ruim!...

CLESSI – Olha, Alaíde. Antes de sua mãe entrar, quando você pediu o *bouquet*, tinha alguém lá? Sem ser Pedro?

ALAÍDE – (desorientada) – Antes de mamãe entrar?

CLESSI – Sim. Tinha que ter mais alguém. Já disse – uma noiva nunca fica tão abandonada na hora de vestir!

ALAÍDE – (como que fazendo um esforço de memória) – Antes de mamãe entrar... Só pensando. Deixa eu ver...

O texto anterior pertence a que gênero? Justifique.

07 (Fuvest)

A hora da estrela

Será que eu enriqueceria este relato se usasse alguns difíceis termos técnicos? Mas aí que está: esta história não tem nenhuma técnica, nem de estilo, ela é ao deus-dará. Eu que também não mancharia por nada deste mundo com palavras brilhantes e falsas uma vida como a da datilógrafa.

(Clarice Lispector)

Em *A hora da estrela*, o narrador questiona-se quanto ao modo e, até, à possibilidade de narrar a história. De acordo com o trecho acima, isso deriva do fato de ele ser um narrador:

- (A) iniciante, que não domina as técnicas necessárias ao relato literário.
- (B) pós-moderno, para quem as preocupações de estilo são ultrapassadas.
- (C) impessoal, que aspira a um grau de objetividade máxima no relato.
- (D) objetivista, que se preocupa apenas com a precisão técnica do relato.
- (E) autocrítico, que percebe a inadequação de um estilo sofisticado para narrar a vida popular.

08 (FATEC)

Ciao

Crônica tem esta vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem a faz o nervosismo saltitante do repórter, reponsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa especificização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa. Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou comentário precisos que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial, e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiagem do espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável; ainda na divagação. Não se compreende, ou não compreendo, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles.

Fazer mais do que isto seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo.

(Carlos Drummond de Andrade)

Segundo o que se depreende do texto, para Drummond a crônica poderia ser caracterizada como:

- (A) uma atividade literária em prosa, veículo de notícias sobre fatos da atualidade.
- (B) uma atividade jornalística, isto é, noticiário científico ou literário, apresentado em linguagem simples e agradável.
- (C) uma atividade literária que visa menos à especialidade e profundidade do assunto que ao entretenimento do leitor.
- (D) uma reportagem disfarçada, pois nela não se nota “o nervosismo saltitante do repórter”.
- (E) uma reportagem, embora camuflada em atividade literária, na qual o jornalista não deve ser faccioso.

09 (Fuvest)

CLESSI – (choramingando) O olhar daquele homem despe a gente!

MÃE – (com absoluta falta de compostura) Você exagera, Scarlett!

CLESSI – Rett é indigno de entrar numa casa de família!

MÃE – (cruzando as pernas; incrível falta de modos) Em compensação, Ashley é espiritual demais. Demais! Assim também não gosto.

CLESSI – (chorando despeitada) Ashley pediu a mão de Melânie! Vai-se casar com Melânie!

MÃE – (saliente) Se eu fosse você, preferia Rett. (Noutro tom) Cem vezes melhor que o outro!

CLESSI – (chorosa) Eu não acho!

MÃE – (sensual e descritiva) Mas é, minha filha! Você viu como ele é forte? Assim! Forte mesmo!

No trecho acima, as personagens de *Vestido de noiva* subitamente se põem a recitar diálogos do filme ... *E o vento levou*. No contexto dessa obra de Nelson Rodrigues, esse recurso de composição configura-se como:

- (A) crítica à internacionalização da cultura, reivindicando o privilégio dos temas nacionais.
- (B) sátira do melodrama, o que dá dimensão autocrítica à peça.
- (C) sátira do cinema, indicando a superioridade estética do teatro.
- (D) intertextualidade, visando indicar o caráter universal das paixões humanas.
- (E) metalinguagem, visando revelar o caráter ficcional da construção dramática.

10 (UERJ) Leia o poema abaixo, extraído da obra *Claro Enigma*, de Carlos Drummond de Andrade:

Oficina Irritada

Eu quero compor um soneto duro
como poeta algum ousara escrever.
Eu quero pintar um soneto escuro,
seco, abafado, difícil de ler.

Quero que meu soneto, no futuro,
Não desperte em ninguém nenhum prazer.
E que, no seu maligno ar imaturo,
Ao mesmo tempo saiba ser, não ser.

Esse meu verbo antipático e impuro
há de pungir, há de fazer sofrer,
tendão de Vênus sob o pedicuro.

Ninguém o lembrará: tiro no muro,
cão mijando no caos, enquanto Arcturo,
claro enigma, se deixa surpreender.

Assinale a alternativa que apresenta uma afirmação **INCORRETA** sobre o soneto:

- (A) As imagens confirmam a poética de Drummond como irônica e dessacralizadora.
- (B) O poema afirma a tradição do soneto ao se propor como duro e seco.
- (C) O poema apresenta correspondência entre o conteúdo e a sonoridade das palavras.
- (D) O poema demonstra a validade estética da forma soneto.

Narrar

- Encadear uma sequência de fatos (reais ou imaginários) em que personagens se movimentam num certo **espaço** à medida que o **tempo** passa;
- o narrador (quem conta a história) não se confunde com o autor do texto, tanto é verdade, que o narrador pode ser um personagem, aparecendo nos próprios enunciados. A certa altura do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, alguém diz: “Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez.” No caso, o autor do romance é Graciliano Ramos. O narrador é um **eu** (Paulo Honório) que não se identifica com o autor, mas que está presente no enunciado e age como personagem da história. No fragmento citado, está falando (enunciado) de suas relações com Madalena;
- em uma narrativa, constuma-se passar de um estado inicial de equilíbrio para um estado final em que, depois de uma série de fatos e acontecimentos, se restabelece o equilíbrio (diferente ou não do inicial);
- a narrativa tradicional apresenta a seguinte estrutura:

Apresentação: é a parte do texto em que são apresentados alguns personagens e expostas algumas circunstâncias da história, como o momento e o lugar em que a ação se desenvolverá. Cria-se, assim, um cenário e uma marcação de tempo para os personagens iniciarem suas ações. Atente para o fato de que nem todo texto narrativo tem esta primeira parte: há casos em que já de início se mostra a ação em pleno desenvolvimento;

Complicação: é parte do texto em que se inicia propriamente a ação: por algum motivo, acontece alguma coisa ou algum personagem toma uma atitude que dá origem a transformações no estado inicial, expressas em um ou mais episódios. Encadeados, esses episódios se sucedem, conduzindo ao clímax;

Clímax: é o ponto da narrativa em que a ação atinge seu momento crítico, tornando inevitável o desfecho;

Desfecho ou desenlace: é a solução do conflito conduzido pelas ações dos personagens. Restabelece-se o equilíbrio, podendo haver espaço para uma avaliação de tudo o que foi narrado.

Exemplo de texto narrativo:

A experiência da cidade

O que mais o impressionou no Rio foram os bondes. Não pode ver um bonde, fica maravilhado: nunca pensou que existisse algo tão fantástico:

– Se ele quiser andar de fasto, ele pode?

Andar de fasto, na sua linguagem de menino do interior de Minas, é andar para trás. Tem outras expressões esquisitas: sungar é levantar; pra riba é para cima; pramode é para, por causa de, etc. Mas eu também sou mineiro.

– Pramode o bonde andar de fasto tem de sungar os bancos e tocar pra riba.

– É deveras?

Ele fica olhando. Olha tudo com atenção. Tem oito anos, mas bem podia ter cinco ou seis, de tal maneira é pequenino. [...] Chama-se Valdecir. Ninguém acerta com seu nome, nem ele próprio: – Vardici, diz, mostrando os dentes. No dia em que chegou, fiquei sabendo que nunca

tivera ao menos notícia da existência de uma cidade, além do arraial onde nascera. Nunca vira luz elétrica ou água corrente, ainda mais telefone ou elevador. Abria a torneira e ficava olhando. Quando tinha água era capaz de inundar o edifício. Quando não tinha, divertia-se tocando a campainha da porta de rua – e para alcançá-la precisava arrastar uma cadeira. As da sala de jantar têm marcas de seus pés até hoje. A cozinha atendia ao chamado, dava-lhe um safanão, arrastava-o para a cozinha. Ele ficava olhando: nunca vira um fogão a gás.

A princípio procurei deslumbrá-lo: com displicência, ligava a televisão em sua presença, abria a geladeira, usava o ventilador. Ele seguia-me os movimentos, silencioso, mas não parecia impressionado: eram coisas tão misteriosas que passavam muito além de sua capacidade de se espantar.

Com o mar, porém, foi diferente. Quando o levei pela mão até a praia do Leblon, ele olhou excitado para o mar e exclamou, arregalando os olhos:

– Oia, que lagoão!

Vendo-me falar ao telefone, limitava-se a sorrir, como a dizer: “Olha o bobo, falando sozinho”.

Arranjei-lhe um lugar em colégio interno, a pedido da mãe. Ele concordou em ir, desde que fosse de bonde. E lá se foi, certa manhã, na beira do banco, descobrindo maravilhas em cada esquina. [...]

Não sei por quê, saiu do colégio; acabou indo morar com o tio em Santa Teresa, numa casa de cômodos. Um dia abro o jornal e leio a notícia: um homem mataria o vizinho de quarto, que tentara violentar um menino. Foi arrolado como testemunha! Voltou para minha casa e já trazia nos olhos a perplexidade dos escandalizados pela vida.

Agora regressa à sua terra. Vai crescer, tornar-se homem como os que aqui conheceu, ou apenas envelhecer e morrer apoiado ao cabo da enxada, como seus ancestrais. Leva da cidade a notícia de meia dúzia de coisas fantásticas – bonde, televisão, elevador, telefone – cuja lembrança irá talvez se apagando com o tempo. Esquecerá depressa este homem que aqui viu, cercado de mecanismos, moderno e civilizado, que o abrigou alguns dias e a quem devolveu, sem saber, um pouco da infância. Apenas não esquecerá tão cedo seu primeiro conhecimento do homem, animal feroz.

(SABINO, Fernando. *A vitória da infância*.)

Tipos de discurso do texto narrativo

O **discurso direto** é a reprodução de maneira direta da fala das personagens, ou seja, a reprodução integral e literal, marcada por travessão ou aspas. Nessa estrutura, as falas geralmente são introduzidas por um verbos de elocução (ou discendes): dizer, falar, responder, replicar, confirmar, perguntar e outros.

Ex.: Sofia perguntou-lhe: – Por que veio tão tarde?

O **discurso indireto**: processo enunciativo em que um *locutor* incorpora outra voz diferente da sua, a voz de um *enunciador*. Em literatura, pode dizer-se que é um processo em que o narrador incorpora a voz de uma personagem. As falas do enunciador são também introduzidas por um verbo declarativo, só que aparecem sob a forma de uma frase completiva.

Ex.: “Alcançei-a a poucos passos, e jurei-lhe por todos os santos do céu que eu era obrigado a descer, mas que não deixava de lhe querer e muito; tudo hipérboles frias que ela escutou sem dizer nada.”

(ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.)

Discurso indireto livre: é uma modalidade de técnica narrativa, resultante da mistura dos discursos direto e indireto, sendo um processo de grande efeito estilístico.

Por meio dele, o narrador pode, não apenas reproduzir indiretamente falas dos personagens, mas também o que eles não falam, mas pensam, sonham, desejam etc. Neste caso, o discurso indireto livre corresponde ao monólogo interior das personagens, mas expresso pelo narrador.

O discurso indireto livre ocorre quando a fala do personagem aparece na fala do narrador, assim, o que se lê não é um juízo do narrador, mas o próprio comentário do personagem sem secção (como ocorre no discurso direto, por exemplo, que utiliza travessões, dois pontos, aspas etc), ou seja, sem estar separado do bloco de texto. Comumente, o discurso indireto livre aparece entremeado com o discurso indireto (fala do narrador propriamente dita).

As orações do discurso indireto livre são, em regra, independentes, podendo ter ou não verbos de elocução. Quando possui verbo de elocução, fica mais nítido de se perceber que aquela frase que está ali não é do narrador, mas sim do personagem. Em geral, ele ocorre com foco narrativo em terceira pessoa, mas pode, em alguns casos (não é comum), estar em primeira. Esse discurso é muito empregado na narrativa moderna, pela fluência e ritmo que confere ao texto¹. **O texto é escrito em terceira pessoa e o narrador conta a história, mas as personagens têm voz própria, de acordo com a necessidade do autor de fazê-lo. Sendo assim é uma mistura dos outros dois tipos de discurso e as duas vozes se fundem.**

Ex.:

“Voltou-se então para o fundo da casa, atravessou a varandinha que acompanhava o correr dos quartos e saiu à copa. *Alaide estaria ainda no jardim: Saltou ao quintal e veio contornando a casa.*”

(Josué Montello. *A décima noite.*)

“Em que estariam pensando?, zumbiu sinha Vitória. Fabiano estranhou a pergunta e rosou uma objeção. Menino é bicho miúdo, não pensa. Mas sinha Vitória renovou a pergunta – e a certeza do marido abalou-se. Ela devia ter razão. Tinha sempre razão. Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem.”

(Graciliano Ramos. *Vidas Secas.*)

“Rubião ordenou a um escravo que levasse o cachorro de presente à comadre Angélica, dizendo-lhe que, como gostava de bichos, lá ia mais um.”

(Machado de Assis. *Quincas Borba.*)

Os dois últimos exemplos possuem verbos de elocução (zumbiu, dizendo-lhe), o primeiro, não. Como já dito, é mais nítido de perceber o discurso indireto livre com verbo de elocução, porém, observe-se a primeira frase, o trecho “Alaide estaria ainda no jardim” só pode ser um comentário do personagem, é ele que guarda esperanças e incertezas, o narrador ou sabe ou não sabe, não formula este tipo de juízo.

Descrever

- é utilizar a linguagem verbal para construir imagens que representam seres, objetos ou cenas;
- é transformar em linguagem aquilo que seus sentidos captam a partir da observação de um objeto, de um recorte da realidade que se quer fixar;
- a observação é fundamental para a organização do texto descritivo, já que as diversas partes do objeto devem ser expostas e relacionadas a fim de formar um conjunto que o leitor seja capaz de entender;
- é evidente que o texto descritivo acaba transmitindo uma imagem que pode estar mais ou menos impregnada da postura pessoal do produtor

do texto, sendo paraticamente impossível anular tal interferência;

- os textos descritivos geralmente possuem abundância de adjetivos;
- não é muito comum produzirmos textos descritivos puros. Normalmente, o processo descritivo é incorporado ao narrativo (caracterizando personagens e ambientes a partir do ponto de vista do narrador) ou ao processo argumentativo (fornecendo dados para o desenvolvimento da argumentação).

Exemplo de texto descritivo:

Rio 40 graus

Rio 40 graus
cidade maravilha
purgatório da beleza e do caos
capital do sangue quente do Brasil
capital do sangue quente
do melhor e do pior do Brasil
cidade sangue quente
maravilha mutante
o Rio é uma cidade de cidades misturadas
o Rio é uma cidade de cidades camufladas
com governos misturados, camuflados, paralelos
sorrateiros ocultando comandos
comando de comando submundo oficial
comando de comando submundo bandição
comando de comando submundo classe média
comando de comando submundo camelo
comando de comando submáfia manicure
comando de comando submáfia de boate
comando de comando submundo de madame
comando de comando submundo da TV
submundo deputado – submáfia aposentado
submundo de papai – submáfia de mamãe
submundo de vovó – submáfia criancinha
submundo dos filhinhos
na cidade sangue quente
na cidade maravilha mutante
Rio 40 graus...
Quem é o dono desse beco?
Quem é o dono dessa rua?
De quem é esse edifício?
De quem é esse lugar?
É esse meu lugar
sou carioca, pô
eu quero o meu crachá
sou carioca
[...]
A novidade cultural da garotada
Favelada, suburbana, classe média marginal
É informática metralha
sub-uzi equipadinha com cartucho musical
de batucada digital
gatilho de disquete marcação pagode-funk

de gatilho marcação de sambalço
 com batuque digital na sub-uzi musical
 da batucada digital
 [...]

da novidade cultural
 da garotada da favela suburbana
 de shortinho e de chinelo
 sem camisa carregando
 sub-uzi equipadinha
 com cartucho musical
 de batucada digital
 [...]

(Fernanda Abreu e Fausto Fawcett. CD *Fernanda Abreu*, 1992.)

Dissertar

- é manipular a linguagem de forma argumentativa ou expositiva, visando não só a informar, mas também, e principalmente, a convercer;
- a atitude linguística da dissertação que nos permite fazer uso da linguagem a fim de expor ideias, desenvolver raciocínios, encadear argumentos, atingir conclusões;
- a elaboração de textos dissertativos escritos implica o domínio das formas de funcionamento próprias da língua escrita. Assim, devemos considerar desde a questão ortográfica até a necessidade de suprir recursos expressivos da fala (como a mímica e a entoação) com o uso de um vocabulário mais preciso e de construções sintáticas logicamente organizadas, buscando a clareza;
- o discurso dissertativo geralmente é impessoal, ou seja, devem ser evitados os traços de subjetivismo que possam comprometer a objetividade necessária para desenvolver um pensamento, de maneira organizada, lançando mão de informações e argumentos, a fim de chegar a determinada conclusão;
- a argumentação deve ser consistente, sem ambiguidades e contradições, e estruturada de forma gradual.

Exemplo de texto dissertativo:

Sobreviventes metropolitanos

Há sempre um preço a pagar por morar nas metrópoles do mundo moderno. Para os habitantes de São Paulo, porém, esse preço está ficando insuportável.

Apesar do crescente aumento da violência, da poluição e do tráfego, o charme da maioria dos grandes capitais mundiais continua intocável. Ampla e diversificada oferta cultural, oportunidades diferenciadas de trabalho e sofisticação do comércio e restaurantes se juntam à inigualável sensação de estar “onde as coisas acontecem”. Essas “experiências metropolitanas” parecem compensar todo o esforço e risco que deve suportar quem nelas vive.

Além do mais, a maioria das metrópoles mundiais, diante de surtos críticos da queda da qualidade de vida, tem sabido provocar reações positivas do seu corpo social e político. Quando esses movimentos não são capazes de eliminar problemas, vários deles, inerentes à condição metropolitana, ao menos conseguem amenizar tensões e inverter tendências. Foi o caso da radical despoluição do Tâmis e do Sena, das amplas intervenções urbanas recuperando áreas deterioradas de Paris ou da recente melhoria na segurança em Nova York. Fustigado pela opinião pública, o poder público reage ou acaba abrindo amplos espaços para a ação da comunidade, que toma a responsabilidade por ações onde o setor público se mostra incompetente para agir. [...]

Infelizmente para os paulistanos e para o país, a situação mais recente de São Paulo tem sido um péssimo exemplo de deterioração sem fim. É evidente que o quadro atual de “quase calamidade” urbana também tem profundas causas históricas, ligadas ao padrão de desenvolvimento do país. Transformada em polo de atração para o explosivo êxodo rural e para o processo de concentração na produção de bens e serviços, em poucas décadas a cidade se transformou numa das maiores megalópoles do mundo. Esse brutal processo de urbanização que, nos últimos 50 anos, multiplicou a população das cidades brasileiras por dez – de 12 milhões para 120 milhões – fez de São Paulo sua vítima. Na virada para este século, quando a recém-inaugurada Avenida Paulista mais parecia um grande conjunto de chácaras e o sinal de modernidade era a linha de bondes puxados a burro, a cidade tinha 300 mil habitantes – 13% da população do Estado. Esse porcentual foi crescendo para 19% em 1930, 25% em 1950 e 48% em 1996 (neste último caso, considerando a região metropolitana).

Não há, pois, muita esperança para o morador da metrópole. Quem sabe um dia, a sociedade civil possa assumir um papel mais ativo e tomar a cidade em suas mãos. Até lá, depois de cada infundável susto, continuaremos a amanhecer com a sensação de sermos sobreviventes metropolitanos.

(Gilberto Dupas. *O Estado de S. Paulo*, 14/3/1998.)

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

01 (EEAR) Assinale a alternativa em que se encontram marcas do discurso indireto livre.

- (A) “Veste um terno de casimira, torna a tirar, põe um de tropical. Já pronto ao sair, conclui que está frio (...).”
 (B) “Deixa que outros passageiros entrem (...) Poderia esperar ainda dois ou três quarteirões, ficaria mais perto ... (...) decidiu-se.”
 (C) “– Me traga uma média – ordena, com voz segura que a si mesmo espantou. Interiormente, sorri de felicidade (...).”
 (D) “O garçom lhe informa que não servem cafezinho nas mesas, só no balcão.”

Solução: Letra B.

Na alternativa, vemos que há absoluta liberdade sintática do escritor, ou seja, não há marcas gramaticais (verbo *dicendi*, elos subordinativos, pontuação) para expressar adesão à vida da personagem. O trecho *Poderia esperar ainda dois ou três quarteirões, ficaria mais perto...* mostra o que a personagem pensa – o seu monólogo interior; dessa forma, em termos semânticos, a ideia contida na frase pertence à personagem; e, em termos sintáticos, ao narrador, que valoriza o pensamento da personagem com as reticências, recurso possível ao discurso indireto livre. Em A e D, temos discurso indireto; em C, discurso direto.

02 (EEAR) Classifique o discurso dos textos abaixo em direto (1), indireto (2) e indireto livre (3). A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

- I. () “Quando perguntei a minha mãe sobre aquelas flâmulas, ela me disse que faziam parte da história da nossa família.”
 II. () “Rubião fitava a enseada. Comparava o passado com o presente. Que era há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas, para a casa...”
 III. () “– Aqui amanhece muito cedo? – perguntou o turista.”

- (A) 1 – 3 – 2.
 (B) 3 – 2 – 1.
 (C) 2 – 1 – 3.
 (D) 2 – 3 – 1.

Solução: Letra D.

Em I, o discurso é indireto, pois é o narrador falando pela personagem, e o verbo *dicendi* (“disse”) vem seguido de uma oração substantiva, iniciada pelo conectivo **que**. Em II, o discurso é indireto livre, isto é, em vez de apresentar a personagem em sua voz própria (discurso direto), ou de informar objetivamente o leitor sobre o que ele teria dito (discurso indireto), aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono. Em III, além da fala visível do personagem, há a presença do verbo *dicendi* (“perguntou”) por parte do narrador (direto).

03 (EEAR) Reconheça, entre as alternativas abaixo, aquela que apresenta características do discurso indireto livre.

- (A) “Era uma vez uma realidade(...)/ E as ovelhas baliam que linda que está/ a re a re a realidade”
- (B) “eu melhor compreendo agora teus *blues* nesta hora triste da raça branca, negro! Olá, Negro! Olá, Negro!”
- (C) “De súbito ali ao pé do poço Ana Terra teve a impressão de que não estava só (...) Esquisito. Ela não via ninguém, mas sentia uma presença estranha.”
- (D) “Maria, filha de Maria, a filha de/ Maria, tem trinta e um desgostos./ Lava a roupa, lava a louça, varre/que varre, e a patroa – *Jesus, Maria, José!* –/ a patroa reclamando.

Solução: Letra C.

Em A, B e D, temos poemas – os quais, pela própria natureza, transformam a pontuação em recurso subjetivo. Os trechos apresentados em tais alternativas trazem discurso direto, cada um valendo-se de uma forma de pontuar: em A, identificamos o discurso pelo uso de um verbo *dicendi* (no caso, como as ovelhas estão personificadas, o verbo é *baliar*); em B, em função do vocativo Negro; em D, pelo uso dos travessões e pelo destaque em itálico da expressão *Jesus, Maria, José*. Já em C, fazem-se presentes as marcas do discurso indireto livre: aquele que aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono, por meio de absoluta liberdade sintática do escritor e sua completa adesão à vida da personagem. Isso é o que se percebe a partir do segundo período do trecho apresentado na alternativa em questão.

04 (EEAR) Assinale a alternativa em que o discurso direto introduz outro discurso direto.

- (A) “– Minha mãe recomendou-me que ficasse aqui à sua espera.”
- (B) “– Ela disse que não se atrasaria. Talvez tenha havido algum problema.”
- (C) “– Depois do baile viajarei para São Paulo. Supliquei a papai que me deixasse dançar com você.”
- (D) “– Seu José, mestre carpina, que lhe pergunte permita: há muito no lamaçal apodrece sua vida?”

Solução: Letra D.

Na alternativa em questão, temos discurso direto introduzido pelo sinal de travessão (–). Na fala da personagem há outro verbo *dicendi* (*pergunte*) que introduz outro discurso direto por meio de uma pergunta dirigida a Seu José. Nas demais alternativas, há presença de discurso direto introduzindo um discurso indireto.

EXERCÍCIOS NÍVEL 1

01 (AFA) Leia e analise o texto abaixo para assinalar a alternativa correta.

Maíra o consolou, batendo-lhe nas costas: tirara o terceiro lugar (numa prova de natação). Foi para casa sozinho, a cabeça num tumulto. Por que afinal tudo aquilo, Santo Deus? Que ideia descabida, que estranha teimosia aquela, esquecer tudo durante um mês, para dedicar-se como um louco a uma experiência tão dura que não lhe traria proveito algum! Vaidade apenas? Solidariedade para com o seu clube? Ora, sabia muito bem que essas coisas não existiam mais para ele. Por que então? O pai lhe dissera apreensivo: “Você está exagerando, meu filho. Isso não pode fazer bem.”

(SABINO, Fernando. *Encontro Marcado*.)

- (A) Não há abordagens psicológicas, o texto restringe-se à narração de fatos.
- (B) É nítida a presença de um narrador personagem.
- (C) Não existe defesa explícita de ponto de vista.
- (D) A adjetivação expressiva deixa claro o caráter descritivo do texto.

02 (AFA) Leia atentamente os fragmentos abaixo.

I.

“E se me dispusesse a pintar Eurídice, talvez visse surgir na tela um hastil, o arco tendido da lua, um antílope, uma flâmula ao vento, ou uma forma abstrata qualquer, injustificável a não ser pelo harmonioso ímpeto em câmera lenta, pela graça de linha curva em movimento, porque Eurídice afinal é tudo isso...”

II.

“Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro sua mensagem, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra.”

III.

“Lutar com palavras é a luta mais vã. Entanto lutamos mal rompe a manhã. São muitas, eu pouco. Algumas, tão fortes como javali.”

Quanto à tipologia classificam-se os excertos acima, respectivamente, como:

- (A) descritivo, narrativo e dissertativo.
- (B) narrativo, narrativo e descritivo.
- (C) narrativo, dissertativo e narrativo.
- (D) dissertativo, descritivo e narrativo.

03 (AFA) Considere o seguinte texto:

A Festa de Santa Ifigênia

Dias antes da festa reuniam-se na igreja centenas de negras – traziam todas a carapinha empoada de ouro – e cantando lavavam as tábuas do templo, floriam os altares, vestiam as imagens, tapeçavam o adro de folhas aromáticas. No dia da festa famílias negras arranchavam-se nas imediações da igreja e os tambores da África estrugiam, vinham os descantes crioulos e a mulata, airosa e trêfega, saía pela areia semeada de rosas, nos passos do samba; mas, quando os coros sagrados começavam, acudiam todas, as mulheres descobriam as cabeças e o ouro reluzia ao sol maravilhoso. Ao fim da cerimônia irrompia o canto feminino e as negras, uma a uma, cantando, baixavam as cabeças na pia e lavavam a carapinha, e o ouro depositava-se no fundo do lavabo santo – era a oferta dos cativos à santa misericordiosa. E fora, à luz viva, os negros batucavam nos atabaques, saudando com alarido as mulheres que voltavam gotejantes e louvando o Deus do Céu e a santa da devoção.

(Coelho Neto)

Quanto aos modos de organização do discurso, o texto acima pode ser classificado como:

- (A) narrativo. (C) descritivo.
(B) dissertativo. (D) instrucional.

04 (AFA) Leia:

O grande amor

(Tom Jobim e Vinícius de Moraes.)

Haja o que houver
Há sempre um homem para uma mulher
E há de sempre haver
Para esquecer um falso amor
E uma vontade de morrer
Seja como for
Há de vencer o grande amor
Que há de ser no coração
Como um perdão para quem chorou.

Sobre o texto acima, é correto afirmar que:

- (A) possui interdependência entre elementos argumentativos e descritivos, os quais são transformados em poesia.
(B) narra, poeticamente, a história de um personagem que conseguiu esquecer um falso amor quando encontrou um grande amor.
(C) o narrador expõe seu ponto de vista sobre o relacionamento amoroso, usando o procedimento de autorreferência.
(D) expressa a ideia, por meio de elementos discursivos, arranjados em uma linguagem poética-argumentativa, de que o verdadeiro amor sempre vence.

05 (AFA) Considere este excerto de *Memórias póstumas de Brás Cubas* para responder à questão.

“Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente

a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lentejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há plateia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados.”

Dando de barato a viabilidade da tese do narrador, assinale a opção cuja assertiva corresponde à afirmação (I, II e III) que a segue, considerando que:

- I. expressa afirmação(ões) compatível(eis) com o texto;
II. contém afirmação(ões) incompatível(eis) com o texto;
III. registra afirmação(ões) contradizente(s) ao texto.

- (A) O parecer (exterioridade) rege a vida; o ser (essência) só é encontrável na morte. (I)
(B) A atitude dos mortos é governada pela autenticidade, enquanto a dos vivos prima pela dissimulação. (II)
(C) A oposição entre a visão de mundo dos vivos e a dos mortos pode ser resumida, respectivamente, pelo par dicotômico “desafetação/afetação”. (I)
(D) “Vida” assume conotação negativa, vinculada a termos como “embaçar”, “hipocrisia”, “cobiça”; por seu turno, “morte” é nome positivo, ligado a “liberdade”, “desabafo”, “despintar-se”. (III)

06 (AFA) Observe o excerto:

“Pelo quarto parecia-lhe estarem a se cruzar os elétricos, a estremecerem-lhe a imagem refletida. Estava a se pentear vagorosamente diante da penteadeira de três espelhos, os braços brancos e fortes arripiavam-se à frescurazita da tarde. Os olhos não se abandonavam, os espelhos vibravam ora escuros, ora luminosos. Cá fora, duma janela mais alta, caiu à rua uma coisa pesada e fofa. Se os miúdos e o marido estivessem à casa, já lhe viria à ideia que seria descuido deles. Os olhos não se despregavam da imagem, o pente trabalhava meditativo, o roupão aberto deixava aparecerem nos espelhos os seios entrecortados de várias raparigas.”

Em relação à linguagem do conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga” (*Laços de família*), do qual esse excerto é uma amostra, é correto dizer que o narrador:

- (A) se acumplicia com a personagem, utilizando inclusive linguagem que se compatibiliza com a nacionalidade dela.
(B) para ressaltar o despojamento do ambiente e o vazio psicológico da personagem, emprega uma linguagem intencionalmente desprovida de elementos subjetivos.
(C) na ânsia de traduzir o torvelinho de sensações que acometem a mente embriagada, instrumenta-se de uma linguagem prenhe de imagens surrealistas.
(D) por meio de um estilo repassado de ironia, formalizado em linguagem que revaloriza a força dos arcaísmos, busca reproduzir o drama de uma alma dilacerada pela banalidade do cotidiano.

